



PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023
Reportagem Econômica

MAPA ECONÔMICO DO RS



Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, quarta-feira, 25 de setembro de 2024

PREFEITURA DE RIO GRANDE/DIVULGAÇÃO/JC

2ª temporada - 2024

3ª edição

Região Sul
Centro-Sul
Campanha
Fronteira Oeste

Investimentos aceleram retomada na Região Sul



Projetos de energia, celulose, biocombustíveis e nova fronteira agrícola movimentam as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste; transformações voltadas à sustentabilidade estimulam desenvolvimento

Panorama

Um mapa da economia gaúcha dividido em cinco grandes regiões

Regionalização do Estado ganha atualizações no 2º ano do Mapa Econômico do RS

A segunda edição do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, projeto do Jornal do Comércio que traça uma radiografia da economia gaúcha, mantém, em 2024, o formato de cinco recortes regionais no Estado.

A lógica de agrupar por afinidade econômica e proximidade geográfica os 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) – que formam regiões funcionais no planejamento do Rio Grande do Sul – é mantida, segundo parâmetros da Secretaria Estadual de Planejamento.

No entanto, levando em consideração vocações econômicas locais, fluxos populacionais regionais, fatores históricos e climáticos, que apontam para potenciais produtivos semelhantes, neste ano o Mapa atualiza dois agrupamentos para retratar com mais precisão o dinamismo econômico do Rio Grande do Sul.

As regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste têm acrescida a região Centro-Sul, formando um dos cinco blocos do RS. Afora as semelhanças e relações das

cadeias produtivas que interagem mais do que o observado no recorte anterior, quando o Centro-Sul foi retratado com a Região Metropolitana, há um fluxo logístico e produtivo ali que aponta ao Sul.

Critérios semelhantes foram adotados ao considerar os municípios do Corede Alto Jacuí, onde se desenvolve a agricultura de precisão, especialmente relacionada à cultura da soja. Agora, o Alto Jacuí está no mesmo recorte dos municípios mais ao Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul, justamente onde a cultura da soja responde diretamente pelo desenvolvimento econômico regional.

Assim, busca-se nesta forma de organização do Mapa Econômico do RS em 2024 aprimorar a regionalização para obter uma melhor percepção das diferenças locais e da diversidade econômica do Estado.

Desta forma, o conteúdo poderá cumprir melhor com seu objetivo de gerar indicadores econômicos do Rio Grande do

Sul para empresários, executivos, potenciais investidores, economistas, governos, gestores públicos e a todos interessados no desenvolvimento econômico do Estado.

O Mapa, portanto, está dividido em cinco capítulos:

1. Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí;
2. Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí;
3. Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste
4. Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro;
5. Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral.



AS CINCO REGIÕES

- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí
Evento em Erechim realizado em 18 de julho
- Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí
Evento em Bento Gonçalves realizado no dia 15 de agosto
- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste
Evento em Rio Grande realizado no dia 17 de setembro
- Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro
Evento em Santa Maria em 17 de outubro
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral
Evento em Porto Alegre em 19 de novembro

O banco que está sempre um passo à frente é o mesmo que está sempre ao seu lado.

O BRDE cresce a cada ano porque faz de cada parceria um case de sucesso. São contratos e financiamentos que transformam projetos em realidade e que garantem mais emprego e renda para toda a Região Sul, pois o crédito que gera desenvolvimento transforma a vida de milhares de famílias.

brde.com.br

BRDE

CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.



TODOS NÓS POR TODOS NÓS.

PLANO RIO GRANDE É ASSEGURAR A MOBILIDADE E O ABASTECIMENTO DA POPULAÇÃO GAÚCHA.

Mais de R\$ 1,9 bilhão investidos na reconstrução do nosso Estado.

O Plano Rio Grande já é uma realidade na saúde, na educação, na habitação e em diversas outras áreas. **Confira abaixo alguns números da recuperação do Estado na infraestrutura:**

Mais de R\$ **117,7** MILHÕES

Recurso inicial para conservação de estradas

Mais de R\$ **207,7** MILHÕES

Horas-máquina (estradas vicinais e áreas urbanas)

Mais de R\$ **14,7** MILHÕES

Recuperação da Rodoviária de Porto Alegre

Mais de R\$ **14** MILHÕES

Qualificação e ampliação do Aeroporto de Caxias do Sul



ACESSE O QR CODE E VEJA O QUE ESTAMOS FAZENDO POR TODOS NÓS.



GOVERNO DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL

Carta do editor

Sul consegue tirar oportunidades do papel



Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

O projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul se propõe a identificar as principais cadeias produtivas nas diferentes regiões do Estado, além de apontar desafios e oportunidades de desenvolvimento.

Na primeira temporada, em 2023, foram apontadas mais de 80 iniciativas relevantes em solo gaúcho, que já são realidade ou que podem se transformar em novas molas propulsoras do PIB do Rio Grande do Sul.

Algumas iniciativas estão no radar de governos e empresas há décadas, outras surgem a partir das mudanças naturais de uma economia em constante atualização. Nesse cenário, a parte Sul do Estado é vista, há anos, como uma área menos industrializada e com mais carências, embora tenha grande potencial de alavancar seu desenvolvimento.

Isso foi confirmado na primeira edição deste Mapa, no ano passado: megaprojetos de parques eólicos, produção de hidrogênio verde, um complexo

bilionário com termelétrica a gás foram algumas das potencialidades identificadas nas entrevistas que realizamos com empresários, economistas, executivos, gestores públicos e privados.

Documentos do poder público e relatórios de entidades privadas também confirmavam o grande potencial da Região Sul do Estado. Mais do que isso, lideranças regionais reunidas pelo Jornal do Comércio para o painel do Mapa elencaram ainda outras possibilidades. Mas restava a pergunta: até quando tudo isso vai ficar no papel?

Um ano depois, algumas iniciativas sofreram vezes e outras avançaram. E essa é uma importante novidade desta **segunda temporada do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul**: além da desafiadora tarefa de fazer uma radiografia da atividade econômica gaúcha, o monitoramento das oportunidades e desafios – ver quais projetos foram realizados e como está a solução de gargalos – permite trazer indicadores da economia.

E a notícia para a Região Sul é boa: há, pelo menos, três importantes iniciativas identificadas

Terceiro capítulo da nova temporada do projeto Mapa Econômico do RS mostra transformações em curso na região

no Mapa de 2023 que avançaram e estão saindo do papel. São elas, uma nova fábrica de celulose, a implantação de uma biorrefinaria e a instalação de um grande parque eólico – respectivamente nas regiões Centro-Sul, Sul e Fronteira Oeste.

A oportunidade de maior vulto – e talvez a debatida há mais tempo – é a indústria de celulose. Há 20 anos, o Rio Grande do Sul tinha a expectativa de receber três grandes investimentos no setor: a duplicação da fábrica de Guaíba (na época da Aracruz), e a instalação de outras duas plantas, uma Fronteira Oeste pela empresa sueco-finlandesa Stora Enso, e a terceira na Região Sul, capitaneada pela Votorantim Celulose e Papel (VCP).

Passaram-se os anos, nenhuma dessas três empresas, por diferentes circunstâncias, realizou investimentos no Rio Grande do Sul, e os projetos ficaram no papel, a exceção da Região Metropolitana. Uma década depois, comprada pela chilena CMPC, a capacidade de produção de celulose do complexo de Guaíba foi quadruplicada com a construção de uma nova planta.

Mas os outros projetos foram engavetados. Em 2023, o Mapa Econômico levantou mais uma vez essa oportunidade para as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste, tema deste capítulo. A possibilidade não se baseou apenas na história, veio em entrevistas com prefeitos, gestores públicos, produtores rurais e associações

do setor da silvicultura – a expansão do plantio de eucalipto, pinus e acácia negra foi outra oportunidade identificada.

Pois bem, em 2024, o maior investimento privado da história do Rio Grande do Sul foi anunciado para Barra do Ribeiro, na Região Centro-Sul. Trata-se de uma nova fábrica de celulose da CMPC, que irá investir R\$ 24 bilhões para produzir mais 2,5 milhões de toneladas de celulose ao ano, a partir de 2029.

Outras iniciativas apontadas pelo Mapa que também avançaram em 2024 foram o projeto de transformar a Refinaria Riograndense em biorrefinaria, capitaneado pela Petrobras, e a instalação do parque eólico Coxilha Negra, em Santana do Livramento, empreendimento da CGT Eletrosul que, neste segundo semestre do ano, já está com aerogeradores em operação.

Evidentemente, outras iniciativas ainda não prosperaram. E também existem desafios. As lideranças regionais reunidas para um painel realizado na Câmara de Comércio de Rio Grande, neste mês de setembro, foram unânimes ao destacar a infraestrutura como um gargalo que prejudica a competitividade de toda a região.

Os principais pontos apontados foram a demora na conclusão da duplicação da BR-116, entre Guaíba e Pelotas, e o alto custo dos pedágios, o que encarece o transporte até o Porto de Rio Grande, preocupação manifestada pelo diretor-presidente

do Terminal de Contêineres (Tecon) Rio Grande, Paulo Bertinetti, um dos painelistas do encontro promovido pelo JC. O monitoramento dos desafios, ver o que avançou ou não, também é proposta do Mapa Econômico.

Além disso, cabe lembrar que o tema ambiental – que já estava no foco, considerando que buscamos retratar uma economia em transformação, em que um dos pilares é a busca por sustentabilidade – ganha ainda mais atenção após a tragédia climática que atingiu o Estado.

Assim, dois eixos estão em destaque nos cinco capítulos do Mapa Econômico 2024:

1) oportunidades de desenvolvimento em uma economia que se transforma em busca de mais sustentabilidade;

2) desafios para a retomada econômica do Rio Grande do Sul após as enchentes de maio.

Este é o terceiro conteúdo especial da série Mapa Econômico neste ano. Mais uma vez, o trabalho mostra a importância da visão local sobre o desenvolvimento do Estado. Por isso, estamos realizando cinco encontros regionais. Depois de passar por Erechim (Norte), Bento Gonçalves (Serra) e Rio Grande (Sul), ainda iremos a Santa Maria (Centro), fechando o ano com um encontro em Porto Alegre.

A tarefa de radiografar a diversa economia gaúcha é ambiciosa, mas enfrentamos este desafio porque está em linha com o trabalho do JC, o diário de economia e negócios do RS.

EXPEDIENTE

Editor-Chefe:
Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

Editor-executivo:
Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Editora de Economia:
Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

Reportagem:
Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Diagramação:
Ingrid Müller
Gustavo Van Ondheusden

ÍNDICE

Dados sobre a população das regiões	página 6	Minas do Leão transforma lixo em energia	página 21
Informações sobre o PIB das regiões	páginas 8 a 11	Nova fábrica de celulose e plantio de eucalipto	páginas 22 e 23
Porto de Rio Grande mostra retomada	páginas 12 e 13	A produção de arroz e soja no Sul do Estado	páginas 24 e 25
Biorrefinaria produz combustível limpo	página 14	A pecuária e a carne do Pampa	página 26
Indústrias buscam reduzir pegada de carbono	página 15	Os gargalos da infraestrutura	páginas 27
Mapa aponta oportunidades para regiões	páginas 16 e 17	Clima desafia produção de uva e azeite	página 28
Desmanche de plataformas no polo naval	página 18	Turismo avança em diferentes frentes	página 29
Usina eólica em Santana do Livramento	página 19	Pelotas quer ser exemplo de resiliência	página 30
Polo carboquímico e um novo uso ao carvão	página 20	Quem circulou pelo evento em Rio Grande	página 31



Exemplo para o mundo. Orgulho para os gaúchos. Oportunidade para você.

A CMPC iniciou estudos para o Projeto Natureza, um grande investimento no Estado, localizado em Barra do Ribeiro. O projeto inclui a construção de um parque industrial com capacidade para produzir 2,5 milhões de toneladas anuais de celulose. Também estão previstas modernizações em rodovias e portos, além da criação do Parque Ecológico Barba Negra.

O projeto prevê a geração de **12 mil empregos** durante as obras e um investimento total de **R\$ 24 bilhões**.

Os 4 pilares do Natureza CMPC:



Silvicultura Sustentável



Conservação Ambiental e Cultural



Infraestrutura Logística



Produção Industrial Avançada

Quer trabalhar no Projeto Natureza?

A CMPC valoriza a mão de obra local e abrirá um programa de formação profissional. Para se candidatar, siga as etapas ao lado e acompanhe as nossas redes sociais.



Escaneie o QR Code e preencha o cadastro.

Acompanhe as nossas redes sociais:



/CMPCBrasil

Saiba mais em

www.cmpcbrasil.com.br



População das Regiões Sul, Centro-Sul Campanha e Fronteira Oeste

As 10 maiores populações

Município	População (Censo 2022)
1º Pelotas	325.689
2º Rio Grande	191.900
3º Bagé	117.938
4º Uruguaiana	117.210
5º Santana do Livramento	84.421
6º Alegrete	72.409
7º Camaquã	62.200
8º São Borja	59.676
9º São Gabriel	58.487
10º Canguçu	49.680

Região Sul

Total: 822.464 habitantes
(em 2010 eram 843.206, queda de 2,4%)

Município	População (Censo de 2022)
Pelotas	325.689
Rio Grande	191.900
Canguçu	49.680
São Lourenço do Sul	41.989
Santa Vitória do Palmar	30.983
Jaguarão	26.603
Capão do Leão	26.487
São José do Norte	25.443
Arroio Grande	17.558
Piratini	11.502
Pinheiro Machado	11.214
Pedro Osório	7.484
Santana da Boa Vista	7.024
Chuí	6.262
Herval	6.191
Morro Redondo	6.046
Cerrito	5.808
Amaral Ferrador	5.310
Tavares	5.212
Turuçu	3.419
Arroio do Padre	2.599
Pedras Altas	2.061

Campanha

Total: 228.556 habitantes
(em 2010 eram 232.032, queda de 1,4%)

Município	População (Censo de 2022)
Bagé	117.938
Dom Pedrito	36.981
Caçapava do Sul	32.515
Encruzilhada do Sul	23.819
Candiota	10.710
Lavras do Sul	7.157
Hulha Negra	5.976
Aceguá	4.170



As regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste concentram **60 municípios do Rio Grande do Sul**. Somadas, essas cidades reúnem pouco mais de **1,8 milhão de habitantes**, o que equivale a **16,69% da população do Estado**, de acordo com o Censo de 2022, dado mais recente divulgado pelo IBGE.

As **quatro microrregiões deste recorte do Mapa registraram queda de população em relação a 2010**, data do levantamento anterior realizado pelo IBGE.

Fronteira Oeste

Total: 519.869 habitantes
(em 2010 eram 538.921, queda de 3,5%)

Município	População (Censo de 2022)
Uruguaiana	117.210
Santana do Livramento	84.421
Alegrete	72.409
São Borja	59.676
São Gabriel	58.487
Itaqui	35.768
Rosário do Sul	36.630
Quaraí	23.500
Manoel Viana	6.801
Maçambará	4.425
Barra do Quaraí	4.241
Itacurubi	2.995
Santa Margarida do Sul	2.596

Centro-Sul

Total: 245.525 habitantes
(em 2010 eram 253.461, queda de 3,13%)

Município	População (Censo de 2022)
Camaquã	62.200
Charqueadas	35.012
São Jerônimo	21.028
Butiá	19.084
Tapes	14.659
Arroio dos Ratos	14.601
Dom Feliciano	13.051
Barra do Ribeiro	12.225
Cerro Grande do Sul	9.178
Minas do Leão	7.505
Cristal	7.299
Barão do Triunfo	5.889
Sertão Santana	5.863
Sentinela do Sul	5.306
Chuívisca	4.597
Arambaré	4.112
Mariana Pimentel	3.916

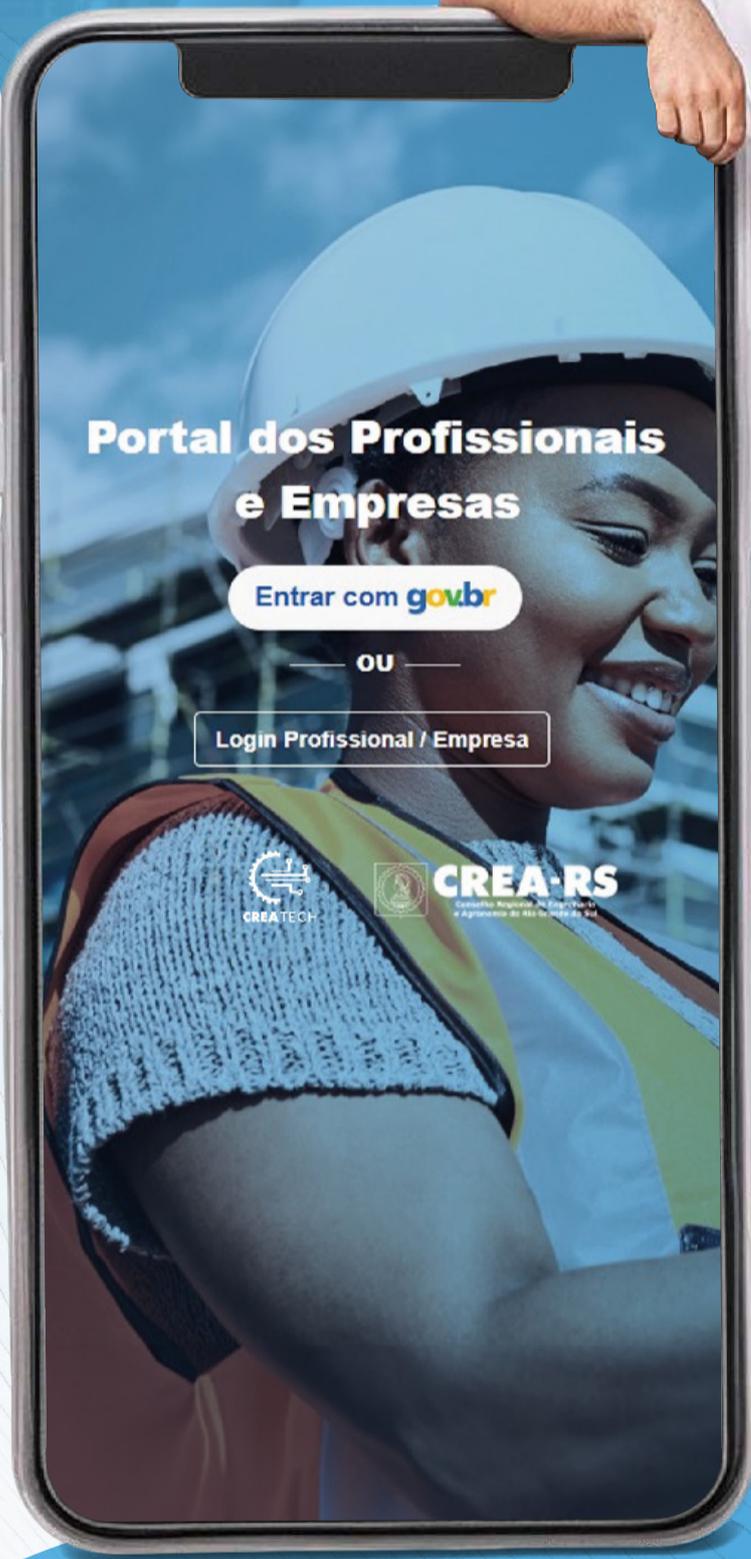
ART COM ASSINATURA DIGITAL NA PALMA DA SUA MÃO

novο portal dos profissionais e empresas

Mais modernidade, tecnologia e usabilidade

Acesso através do GOV.BR

E MUITO MAIS



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

Conjuntura

Sul avança e ganha mais participação no PIB do RS

Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste somam 13,49% do PIB do Rio Grande do Sul

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A primeira edição do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, em 2023, retratou transformações populacionais do Estado. A comparação dos dados do Censo do IBGE entre 2010 e 2022 mostrou mudanças, com destaque para o crescimento do número de habitantes na região do Litoral.

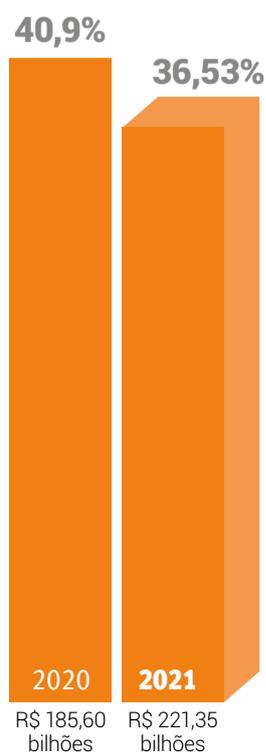
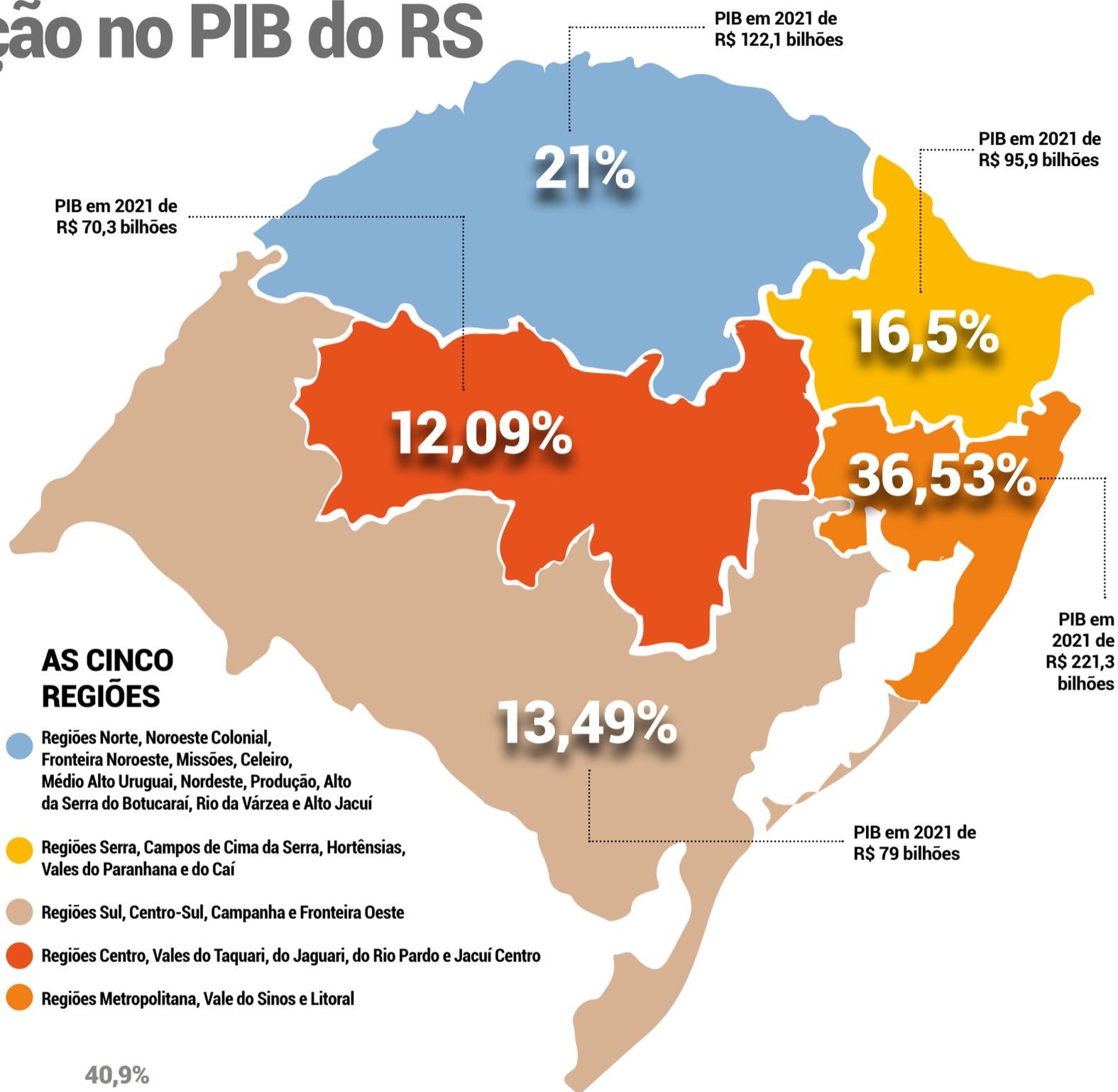
Nesta segunda temporada do Mapa, em 2024, os dados mais recentes das populações dos 497 municípios gaúchos estão presentes de novo.

A novidade, nos especiais deste ano, é que a análise traz a evolução dos PIBs municipais e regionais (os de Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste estão detalhados nas próximas páginas) no comparativo entre 2020 e 2021, dados mais recentes do IBGE.

De um ano para outro, houve crescimento de 23,4% no PIB do Rio Grande do Sul, passando de R\$ 470,94 bilhões no ano de 2020 para R\$ 581,28 bilhões em 2021.

Percebe-se maior capilaridade de valores no Interior, reflexo direto de um ano (2021) em que houve supersafra de soja no Rio Grande do Sul. As participações regionais no PIB tiveram importantes transformações, especialmente onde o agro tem papel de protagonismo. Destaque para o Valor Adicional Bruto (VAB) Agropecuário, que teve elevação de 107,4%, enquanto no VAB Industrial foi de 27,2%.

Neste contexto, as regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral, mesmo com crescimento de R\$ 35,7 bilhões no PIB, passaram a representar 36,53% do PIB gaúcho, redução de 4,4 pontos percentuais. Já as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste registraram crescimento, passando de 12,86% do PIB em 2020 para 13,49% em 2021.

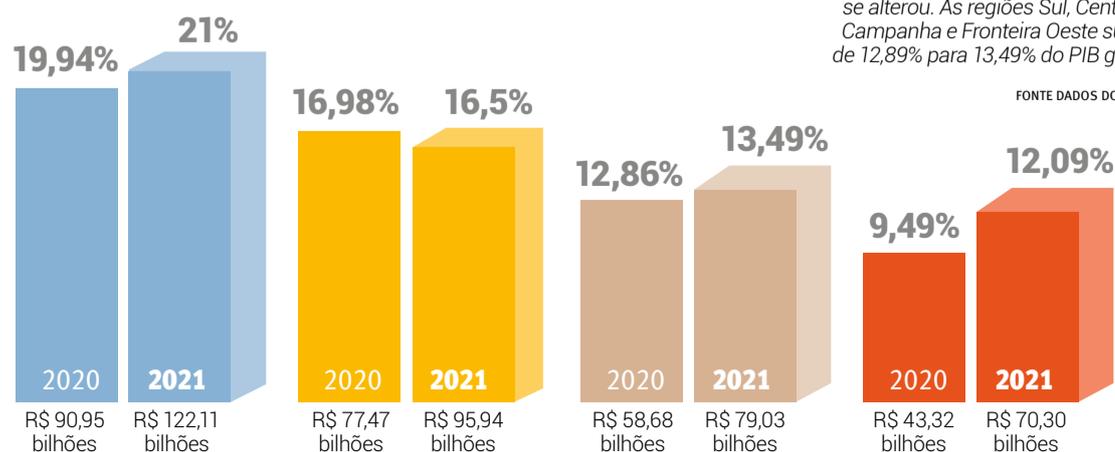


Participação de regiões no PIB do RS

- PIB total do RS em 2020: R\$ 470,94 bilhões
- PIB total do RS em 2021: R\$ 581,28 bilhões

Embora o PIB de todas as regiões tenha crescido de 2020 para 2021 (período que engloba o auge da pandemia e a recuperação econômica), a participação no PIB total do Estado se alterou. As regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste subiram de 12,89% para 13,49% do PIB gaúcho.

FONTE DADOS DO PIB: IBGE



corsan.com.br



RESPEITO DÁ O TOM



AÇÕES PRÁTICAS QUE GERAM RESULTADOS.

Nosso compromisso com a igualdade está em ação desde 2017, quando a **Aegea** criou o programa **Respeito Dá o Tom**. Por meio de três pilares - Empregabilidade, Desenvolvimento e Relacionamento - buscamos refletir a demografia do Brasil em nosso quadro de colaboradores. Hoje, 63% dos colaboradores do grupo Aegea se autodeclararam pretos ou pardos, e 19% estão em

cargos de liderança. A meta para 2030 é aumentar essa representatividade para 27%, além de elevar a participação feminina na liderança de 32% para 45%.

Somos parte de um grupo pioneiro ao atrelar essas metas à emissão de Sustainability-Linked Bonds (SLB), comprometendo-nos com um futuro mais inclusivo e igualitário.

Região Sul do Estado registra um forte crescimento no PIB

Municípios com maior atividade econômica nas regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste tiveram alta de dois dígitos no PIB entre 2020 e 2021, dados mais recentes disponíveis

10 maiores PIBs por município

Município	PIB em 2020	PIB em 2021	Variação
1º Rio Grande	R\$ 9.971.941.480	R\$ 13.282.153.798	+33,1%
2º Pelotas	R\$ 9.494.825.879	R\$ 10.778.119.156	+13,5%
3º Bagé	R\$ 3.147.704.990	R\$ 3.748.408.570	+19,08%
4º Uruguaiana	R\$ 2.840.205.505	R\$ 3.717.090.646	+30,8%
5º Alegrete	R\$ 2.237.243.540	R\$ 3.079.871.265	+37,6%
6º Santana do Livramento	R\$ 2.305.549.649	R\$ 2.823.912.941	+22,4%
7º Candiota	R\$ 1.578.189.446	R\$ 2.744.006.064	+73,8%
8º Camaquã	R\$ 2.189.270.059	R\$ 2.723.661.899	+24,4%
9º São Gabriel	R\$ 1.928.298.001	R\$ 2.723.182.617	+41,2%
10º São Borja	R\$ 1.997.131.955	R\$ 2.570.754.819	+28,7%

REGIÃO SUL

R\$ 36.720.444.225 (dados de 2021, representa 6,31% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Rio Grande	R\$ 9.971.941.480	R\$ 13.282.153.798
Pelotas	R\$ 9.494.825.879	R\$ 10.778.119.156
Santa Vitória do Palmar	R\$ 1.144.567.114	R\$ 1.755.621.806
São Lourenço do Sul	R\$ 1.126.353.198	R\$ 1.701.062.805
Canguçu	R\$ 1.218.424.301	R\$ 1.660.001.978
Arroio Grande	R\$ 615.382.929	R\$ 1.131.507.801
Jaguarão	R\$ 747.053.269	R\$ 1.059.391.866
Piratini	R\$ 498.860.451	R\$ 880.272.812
Capão do Leão	R\$ 610.700.307	R\$ 830.082.420
São José do Norte	R\$ 463.692.618	R\$ 792.698.285
Pinheiro Machado	R\$ 304.330.055	R\$ 397.723.013
Pedras Altas	R\$ 144.473.286	R\$ 386.188.865
Chuí	R\$ 303.980.113	R\$ 370.300.761
Santana da Boa Vista	R\$ 143.197.691	R\$ 364.899.015
Pedro Osório	R\$ 145.746.194	R\$ 270.649.979
Herval	R\$ 142.340.217	R\$ 253.605.686
Turuçu	R\$ 95.529.987	R\$ 163.726.042
Cerrito	R\$ 106.870.718	R\$ 161.326.897
Amaral Ferrador	R\$ 116.945.440	R\$ 147.631.765
Morro Redondo	R\$ 103.582.091	R\$ 132.443.067
Tavares	R\$ 92.982.768	R\$ 124.252.828
Arroio do Padre	R\$ 59.404.729	R\$ 76.783.580

CAMPANHA

R\$ 11.679.675.274 (dados de 2021, representa 2% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Bagé	R\$ 3.147.704.990	R\$ 3.748.408.570
Candiota	R\$ 1.578.189.446	R\$ 2.744.006.064
Dom Pedrito	R\$ 1.400.215.196	R\$ 2.210.940.528
Caçapava do Sul	R\$ 853.110.559	R\$ 1.122.666.762
Encruzilhada do Sul	R\$ 594.377.783	R\$ 1.080.942.932
Lavras do Sul	R\$ 269.618.551	R\$ 497.625.892
Aceguá	R\$ 264.485.444	R\$ 458.224.033
Hulha Negra	R\$ 213.292.632	R\$ 314.486.385

FRONTEIRA OESTE

R\$ 21.231.942.476 (dados de 2021, representa 3,65% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Uruguaiana	R\$ 2.840.205.505	R\$ 3.717.090.646
Alegrete	R\$ 2.237.243.540	R\$ 3.079.871.265
Santana do Livramento	R\$ 2.305.549.649	R\$ 2.823.912.941
São Gabriel	R\$ 1.928.298.001	R\$ 2.723.182.617
São Borja	R\$ 1.997.131.955	R\$ 2.570.754.819
Itaqui	R\$ 1.571.169.036	R\$ 2.186.920.738
Rosário do Sul	R\$ 975.956.388	R\$ 1.381.969.369
Quaraí	R\$ 499.432.317	R\$ 625.748.727
Maçambará	R\$ 331.615.518	R\$ 582.040.567
Manoel Viana	R\$ 278.462.719	R\$ 546.970.210
Barra do Quaraí	R\$ 195.311.472	R\$ 386.180.799
Santa Margarida do Sul	R\$ 210.683.926	R\$ 361.014.467
Itacurubi	R\$ 95.671.573	R\$ 246.285.311

REGIÃO CENTRO-SUL

R\$ 9.398.634.217 (dados de 2021, representa 1,61% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Camaquã	R\$ 2.189.270.059	R\$ 2.723.661.899
Charqueadas	R\$ 1.284.821.300	R\$ 1.736.974.467
São Jerônimo	R\$ 613.339.593	R\$ 667.010.316
Tapes	R\$ 420.746.286	R\$ 603.911.391
Butiá	R\$ 437.342.847	R\$ 543.346.827
Barra do Ribeiro	R\$ 357.540.924	R\$ 505.591.092
Arroio dos Ratos	R\$ 266.747.871	R\$ 357.344.640
Dom Feliciano	R\$ 270.278.338	R\$ 356.857.027
Sertão Santana	R\$ 296.826.578	R\$ 314.766.346
Cristal	R\$ 190.470.625	R\$ 308.906.292
Arambaré	R\$ 153.505.566	R\$ 285.087.550
Minas do Leão	R\$ 199.313.263	R\$ 279.175.508
Cerro Grande do Sul	R\$ 168.017.214	R\$ 203.182.574
Barão do Trunfo	R\$ 122.993.939	R\$ 142.318.016
Sentinela do Sul	R\$ 91.784.981	R\$ 136.266.214
Chuívisca	R\$ 97.330.433	R\$ 129.739.173
Mariana Pimentel	R\$ 82.004.783	R\$ 104.494.885

Dados sobre o Valor Adicionado Bruto nas regiões

O Valor Adicionado Bruto (VAB) mostra o quanto cada setor contribui dentro do que é produzido por municípios. O PIB de um município é formado pela soma do VAB dos setores e a arrecadação de impostos resultante da produção.

VAB Serviços

Pelotas é a cidade com maior população da região, e concentra um grande polo de serviços como no comércio, educação e saúde. Na construção civil, entre 2021 e 2023, foram pelo menos R\$ 2 bilhões em novos investimentos imobiliários anunciados no município.

1º Pelotas	R\$ 7,8 bilhões
2º Rio Grande	R\$ 6,4 bilhões
3º Bagé	R\$ 2,6 bilhões
4º Uruguaiana	R\$ 2,2 bilhões
5º Alegrete	R\$ 1,5 bilhão
6º Santana do Livramento	R\$ 1,5 bilhão
7º Camaquã	R\$ 1,5 bilhão
8º São Gabriel	R\$ 1,3 bilhão
9º São Borja	R\$ 1,3 bilhão
10º Canguçu	R\$ 901,9 milhões

VAB Agrícola

Os dados de PIB analisados neste Mapa referem-se a 2021, ano de supersafra de soja. E os resultados da colheita refletem-se nas economias da região. Alegrete e Dom Pedrito continuam concentrando os maiores VAB Agrícolas, no entanto, com valores quase três vezes superiores ao ano anterior. O maior VAB Agrícola de 2020 é inferior aos 10 maiores de 2021.

1º Alegrete	R\$ 1,1 bilhão
2º Dom Pedrito	R\$ 1,1 bilhão
3º São Gabriel	R\$ 1 bilhão
4º Uruguaiana	R\$ 927,4 milhões
5º Itaqui	R\$ 916 milhões
6º Santa Vitória do Palmar	R\$ 822,4 milhões
7º São Borja	R\$ 795,9 milhões
8º Arroio Grande	R\$ 676 milhões
9º São Lourenço do Sul	R\$ 654,9 milhões
10º Camaquã	R\$ 653 milhões

VAB Industrial

Concentrando o maior distrito industrial do Rio Grande do Sul, e a vantagem logística do 5º principal porto do País, Rio Grande lidera o VAB Industrial. Neste ranking, porém, o destaque fica em Candiota, pois, em 2021, o País enfrentou escassez hídrica e, com isso, usinas térmicas foram acionadas, favorecendo a geração industrial de energia a partir do município da Campanha, que concentrou VAB oito vezes maior em relação a 2020.

1º Rio Grande	R\$ 4,2 bilhões
2º Candiota	R\$ 2,4 bilhões
3º Pelotas	R\$ 1,3 bilhão
4º Charqueadas	R\$ 778,3 milhões
5º Santana do Livramento	R\$ 455,5 milhões
6º Bagé	R\$ 422,7 milhões
7º Camaquã	R\$ 379,9 milhões
8º Uruguaiana	R\$ 310,4 milhões
9º Itaqui	R\$ 294,9 milhões
10º São Borja	R\$ 274,2 milhões

Conjuntura

Parte Sul do Estado pode crescer mais

Riquezas geradas nas regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste avançaram em relação ao RS, mas têm potencial para avançar mais

A participação maior no Produto Interno Bruto (PIB) foi registrada entre 2020 e 2021, últimos dados regionalizados divulgados pelo IBGE. Cabe observar que foi o período da pandemia, com queda generalizada em 2020 e retomada em 2021. Embora tenha ampliado sua participação no PIB gaúcho, os 13,49% dessas regiões ainda são pequenos considerando a extensão territorial. Grandes investimentos podem alavancar o desenvolvimento. Outro dado desproporcional é ambiental: Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste são responsáveis por 42,62% das emissões de gases do efeito estufa no RS.

Participação de cada microrregião (Corede) no PIB do Grande do Sul

- **REGIÃO SUL:**
R\$ 36.720.444.225 (valor cresceu 32,8% em relação a 2020), representa 6,31% do PIB do RS em 2021
- **FRONTEIRA OESTE:**
R\$ 21.231.942.476 (valor cresceu 24,5% em relação a 2020), representa 3,65% do PIB do RS em 2021
- **CAMPANHA:**
R\$ 11.679.675.274 (valor cresceu 73,1% em relação a 2020), representa 2% do PIB do RS em 2021
- **CENTRO-SUL:**
R\$ 9.398.634.217 (valor cresceu 29,77%), representa 1,61% do PIB do Rio Grande do Sul em 2021



Participação de cada microrregião (Corede) no PIB do Grande do Sul

- Região Sul: **6,31%**
- Fronteira Oeste: **3,65%**
- Campanha: **2%**
- Centro-Sul: **1,61%**

CMPC lança Projeto Natureza e destaca o papel de Rio Grande e Pelotas nas exportações

A Região Sul do Rio Grande do Sul tem papel fundamental para a CMPC devido a sua posição geográfica. Pelos portos de Rio Grande e de Pelotas, a celulose produzida é exportada para o mundo. Isto dá segurança para o investimento recente de R\$ 24 bilhões no Projeto Natureza, que deve gerar 12 mil empregos durante as obras.

O Projeto Natureza se trata do maior investimento privado do Rio Grande do Sul e o maior já realizado por uma empresa chilena fora de seu país de origem. "Estamos muito orgulhosos de poder apresentar uma iniciativa deste porte em um local que nos é tão querido e que nos abraçou desde a nossa chegada em 2009. O Natureza tem uma importância imensa para

a história da CMPC e para o futuro do Rio Grande do Sul", reforça Antonio Lacerda, diretor-geral de celulose da CMPC do Brasil.

Em Barra do Ribeiro, será construída a nova unidade da empresa, que oficializou, em parceria com o Governo do Estado, um Comitê de Governança para Monitoramento da iniciativa. "Este é um momento muito especial para a CMPC. A instauração deste comitê é um passo importante para darmos andamento neste projeto e fazer dele uma vitrine com o intuito de atrair novos projetos que incentivem o desenvolvimento socioeconômico do Rio Grande do Sul", afirma Lacerda.

Com o novo polo industrial, a CMPC poderá mais do que dobrar a sua atual capacidade produtiva no País, que é



CMPC implementará parque ecológico florestal para visitação da população na Fazenda Barba Negra

referência no setor de Celulose e Papel. Para o Estado, além da geração de renda, emprego e recolhimento de impostos, também representa importantes avanços na área de infraestrutura, logística, turismo e preservação do meio ambiente.

"O projeto prevê a realização de obras em rodovias gaúchas essenciais para o escoamento de safras, modernização portuária, incremento de atividade hidroviária e a imple-

mentação de um parque ecológico florestal para visitação da população (na Fazenda Barba Negra), que será referência no Brasil e no exterior. O sucesso do Projeto Natureza CMPC requer uma sinergia entre sociedade civil, governos municipais e estadual e entidades. Nossa expectativa é de que, juntos, façamos deste projeto um exemplo positivo de desenvolvimento para o mundo", detalha Lacerda.

A CMPC explica, ainda, que os objetivos do Projeto Natureza são o desenvolvimento de uma relação ainda mais estreita com o Rio Grande do Sul na construção de uma nova unidade que seja referência em processos e equipamentos, com reconhecimento pelo uso racional de recursos naturais, em sintonia, convivência e respeito com o meio ambiente e que mantenha elevados índices de produtividade.

Conteúdo produzido pelo

Núcleo-i
Conteúdo multimídia patrocinado para CMPC

Fabiano Lucietto Panizzi/CMPC/Divulgação/IC

Reportagem Especial

Porto de Rio Grande é termômetro e já mostra retomada econômica gaúcha


PORTOS RS/ DIVULGAÇÃO/JC

Entre janeiro e julho, foram 22,7 milhões de toneladas movimentadas no principal porto gaúcho, volume superior ao mesmo período de 2023

Estimativa é que cerca de 30% da economia gaúcha circule pelo terminal portuário na Região Sul

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

“A partir do Porto de Rio Grande, conseguimos observar que a capacidade de reconstrução do Estado é muito grande. Os números mostram que tem colheita e escoamento acontecendo. Tem produção e o Estado mantém fortalecidas as suas relações comerciais com o mundo.” A avaliação é do diretor-presidente da Portos RS, Cristiano Klinger.

O porto, por onde estima-se circular 30% da economia gaúcha é, talvez, o melhor termômetro para se aferir o ritmo da retomada econômica após os eventos climáticos extremos de maio. E mesmo com a redução, durante aquele mês, de 42% no movimento de embarcações em Rio Grande em relação a maio, o retorno, especialmente com a safra positiva da soja, foi vigoroso.

Entre janeiro e julho, foram 22,7 milhões de toneladas movimentadas no principal porto gaúcho. Volume levemente superior aos 22,4 milhões de toneladas do mesmo período de 2023.

Se forem consideradas

somente as cargas relacionadas à soja, o incremento chega a 20% até julho, alcançando 4,5 milhões de toneladas embarcadas. “É claro que, durante algum tempo houve dificuldades logísticas para a chegada das cargas, mas o resultado positivo, que hoje coloca Rio Grande como o quinto principal porto do País em movimentação de cargas no primeiro semestre, é consequência da rápida resposta que tivemos aos eventos de maio, mostrando que temos uma estrutura competitiva e confiável. Mesmo com a paralisação nas operações em Porto Alegre e Pelotas, mantivemos durante todo o período a operação no Porto de Rio Grande, e com segurança”, explica Klinger.

Com o acúmulo de detritos trazidos pelas cheias de maio fora do comum, o calado homologado de 15 metros de profundidade chegou a ser reduzido a 11 metros. Mas a reação, para que não se navegasse “no escuro”, foi também ágil. Ainda em julho, a Portos RS investiu R\$ 21,5 milhões que não estavam previstos em seus planos de investimentos do ano para uma dragagem emergencial no canal do acesso.

A ação foi realizada no trecho considerado o mais crítico, com três quilômetros de extensão. A empresa pública também entregou ao Departamento

Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) a batimetria completa do complexo do porto. O órgão federal comprometeu-se com o investimento de outros R\$ 18,5 milhões para a batimetria em todo o canal de navegação a partir da Lagoa dos Patos e, posteriormente, custeará a dragagem também deste trecho.

Agora, as operações estão liberadas e seguras com um calado de 12,8 metros. Ao invés de reduzir o fluxo do porto pela diminuição do calado, os meses de junho e julho mostraram aceleração, somente com uma adaptação logística. O que muda é que são necessárias mais embarcações para escoar o mesmo volume de produtos.

Entre os portos de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, a Portos RS contabilizou 2.044 embarcações nos primeiros sete meses do ano. A média mensal teve um aumento de 2,65% entre junho e julho em relação aos cinco meses anteriores.

Além disso, a conjunção entre o porto e o distrito Porto Indústria, o maior distrito industrial do Estado, que concentra 54 plantas industriais, faz de Rio Grande o principal município exportador do Rio Grande do Sul. Foram US\$ 1,4 bilhão em negócios com o exterior, 14% de todas as exportações gaúchas e com uma redução de

26,5% em valores em relação ao mesmo período de 2023, a partir da cidade portuária, até julho – 60% em produtos da soja –, mas, entre os 43 municípios das regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste, somente cinco figuram entre os 50 maiores exportadores gaúchos.

Complexo recebe investimentos e terá novos terminais

A perspectiva de aumento da importância do modal hidroviário para a economia da região se traduz em novos e importantes investimentos. Além dos aportes previstos pela CMPC para estruturas entre os portos de Rio Grande e Pelotas, são esperados R\$ 500 milhões em investimentos pela empresa Vanzin para a instalação de um novo terminal dedicado ao armazenamento e expedição portuária de grãos. O projeto está em fase de licenciamentos.

Outros R\$ 37 milhões já foram anunciados em investimentos da AGM, para instalação de galpões em dois novos lotes no distrito industrial, e da Vasto Agro, para erguer uma estrutura para armazenamento, com silos, de grãos.

A maior expectativa, porém, está na licitação pelo governo federal para a

As exportações das regiões Sul, Centro Sul, Campanha e Fronteira Oeste

► **Rio Grande (1º do RS entre janeiro e julho):** 60% de soja em grãos, triturada, óleo e outros resíduos

► **Pelotas (16º do RS entre janeiro e julho):** 52% de arroz

► **Bagé (33º do RS entre janeiro e julho):** 46% de carnes bovinas e 39% de couros

► **Charqueadas (41º do RS entre janeiro e julho):** 100% de ferro e aço

► **Camaquã (47º do RS entre janeiro e julho):** 54% de óleos vegetais de arroz

FONTE: MINISTÉRIO DO COMÉRCIO EXTERIOR

Os números do porto

► O Porto de Rio Grande movimentou 22,7 milhões de toneladas entre janeiro e julho deste ano, volume 1,3% superior ao mesmo período de 2023

► Foi o quinto porto de maior movimentação no País no primeiro semestre

► Entre janeiro e maio, foram 1,1 mil embarcações no Porto de Rio Grande

FONTE: PORTOS RS

dragagem e estudos da rota que pode tornar Rio Grande um porto referencial para Uruguai e Argentina, a partir da Lagoa Mirim e do Canal São Gonçalo, com a chamada Hidrovia do Mercosul. Hoje, as hidrovias internas do Estado transportam entre 7 milhões e 8 milhões de toneladas. Seriam pelo menos outros 5 milhões de toneladas pela nova via.

Abriam caminho, por exemplo, para o aumento do fluxo de contêineres, além de grãos. Conforme o Terminal de Contêineres de Rio Grande (Tecon), no primeiro semestre deste ano, houve acréscimo de 22% na movimentação do terminal em relação ao mesmo período do ano passado, mesmo com a baixa em maio deste ano. Exporta-se três vezes mais do que se importa por este meio.

Reportagem Especial

Tecnologia potencializa navegação de precisão

Objetivo é ter um porto mais resiliente aos eventos climáticos extremos, como o de maio

No final de agosto, o navio de pesquisa hidroceanográfico Vital de Oliveira, da Marinha do Brasil, atracou no Porto de Rio Grande para dar início a uma série de levantamentos que serão ferramentas fundamentais para o diagnóstico das consequências da tragédia ambiental de maio entre a barra do porto, a área de navegação interna e o canal de navegação da Lagoa dos Patos.

O que resultará deste período de pesquisas é encarado como de extrema importância pelo diretor-presidente da

Portos RS, Cristiano Klinger, para garantir a manutenção da confiança e da segurança na hidrovia gaúcha agora, um momento de recuperação da economia do RS e, principalmente, no futuro.

Daí a importância das pesquisas lideradas pela Marinha na rota hidroviária do Rio Grande do Sul. “Os estudos vão auxiliar como mais uma fonte de informações sobre as características da nossa hidrovia. E isso significa segurança para a navegação e continuidade aos planos que temos de manter dragagens constantes, especialmente na região da Lagoa dos Patos, porque investimentos como o recentemente anunciado pela CMPC vão aumentar em muito a importância desta

rota para as exportações gaúchas. Podemos dizer que é uma ação fundamental em busca de uma navegação de precisão. Quando tratamos de negócios, isso representa confiabilidade técnica para os operadores”, aponta Klinger.

Em busca de um porto mais resiliente aos eventos climáticos extremos, como o de maio, Rio Grande já faz parte de um estudo contratado pela Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), e que tem a participação da Universidade Federal de Rio Grande (Furg), em uma série de portos brasileiros, com a missão de monitorar e desenvolver tecnologias que antecipem cada vez mais possíveis problemas à navegação provocados por



Portos RS busca confiabilidade técnica para operadores, diz Klinger

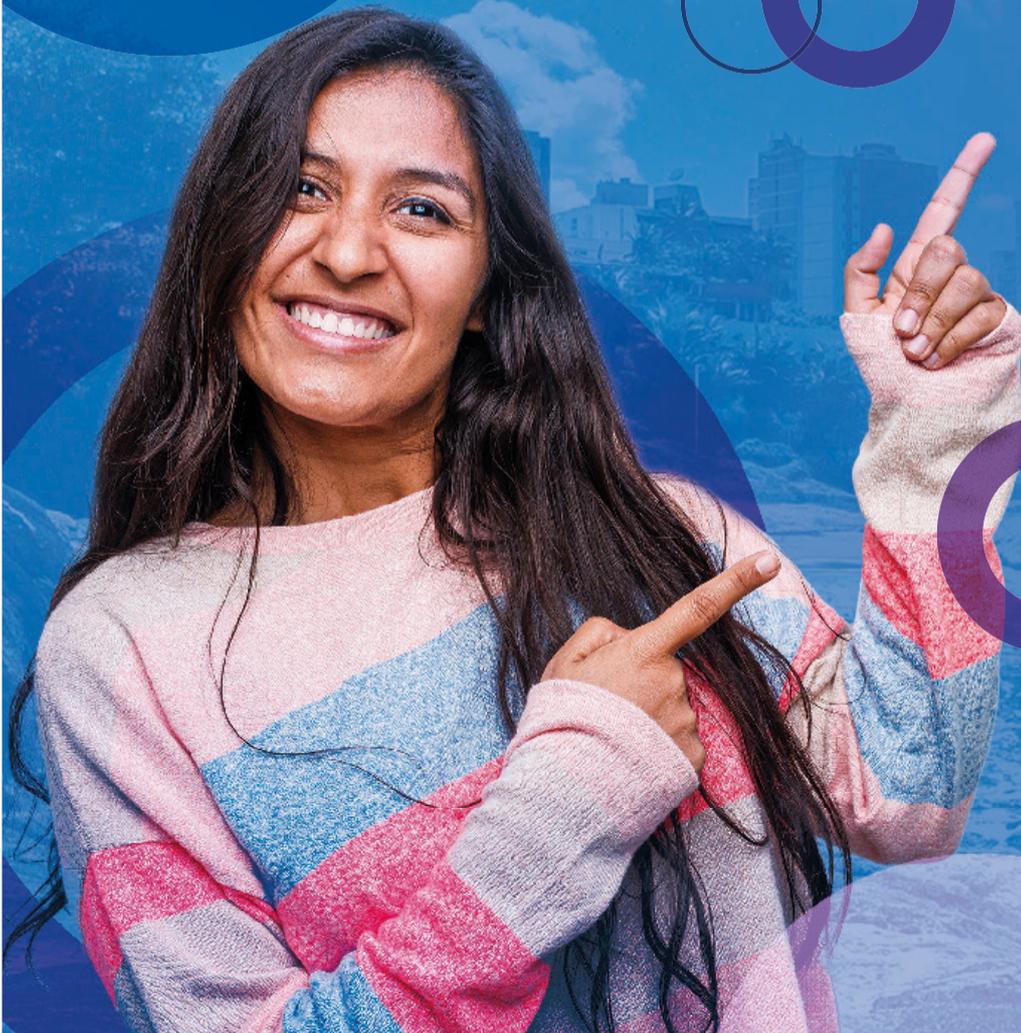
tempestades ou ciclones, por exemplo.

“Historicamente, o acesso à barra não é fácil e, por isso, nos últimos anos temos investido muito em tecnologia para que essa dificuldade não se traduza em perda de competitividade. As consequências das mudanças climáticas na atividade portuária ainda estão sendo estudadas, mas no último ano, por exemplo,

podemos dizer que os impactos na operação em Rio Grande foram pequenos graças às nossas ações preventivas e de resiliência. Ao todo, foram 60 dias de fechamento da barra em todo o ano, um número bem menor do que nos últimos dois anos, e durante os eventos de maio, mantivemos a segurança nas ações em Rio Grande”, explica o diretor da Portos RS.



IMPULSIONANDO TALENTOS, TRANSFORMANDO A SUA REGIÃO!



Com a Conjuntos, é fácil conectar estagiários e aprendizes em sua empresa, tornando ela ainda mais inovadora e qualificada para transformar a economia local.

Escaneie o QR Code e confira a Pesquisa CIEE-RS Perfil do Estagiário 2024

 @ciee_rs  @ciee-rs
 @cieers  CIEE-RS
 @CIEERS.ORG  (51) 3363-1000



Reportagem Especial

Refinaria de Rio Grande é pioneira na produção de combustível limpo

Complexo na Região Sul do Estado é considerado a principal indústria na economia de Rio Grande

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Os vários eventos climáticos extremos nos últimos 12 meses no Rio Grande do Sul mostram a força das mudanças climáticas, que entram obrigatoriamente na agenda de governos e empresas. Um dos eixos da transformação da economia é exatamente a sustentabilidade. Pois uma das maiores empresas da Região Sul do Estado toma a frente neste processo.

A exemplo do que aconteceu na década de 1930, quando se tornou pioneira no refino de petróleo, a Refinaria Riograndense, em Rio Grande, é a protagonista de uma nova mudança. Desde 2023, toma forma a iniciativa da Petrobras, em conjunto com Braskem e Ultra, para transformar a refinaria do Sul do Estado na primeira usina convertida 100% para o biorrefino.

São investidos R\$ 45 milhões no projeto que, com as cheias de maio, acabou atrasando em cinco meses. Durante a enchente, a refinaria suspendeu as atividades. Agora, prevê iniciar em novembro a última etapa de testes para a produção de combustíveis a partir de óleo de



PETROBRAS/DIVULGAÇÃO/JC

Aporte de R\$ 45 milhões tornará a Refinaria Riograndense a primeira convertida 100% para o biorrefino

soja e outros materiais renováveis, em escala industrial.

A estimativa é garantir em Rio Grande uma capacidade produtiva de 800 mil toneladas de combustível de aviação sustentável (SAF) e de diesel renovável, que representará quase metade dos dois projetos similares anunciados pela companhia no País, nas refinarias Presidente Bernardes e de Itaboraí.

Conforme a Petrobras, o projeto teve início no final de

2021, quando, junto com os acionistas, começaram a ser pensadas estratégias que pudessem ampliar o escopo de atuação da Refinaria Riograndense e alinhar esta operação às metas de redução de emissões de gases do efeito estufa da companhia.

A refinaria é considerada a principal indústria na economia de Rio Grande, respondendo por mais de 10% da arrecadação local. E a expectativa é de que a sua ação seja decisiva na meta

estabelecida pelo município de neutralizar as emissões de gases do efeito estufa já em 2030.

Hoje, a partir do petróleo, tem capacidade de processar 17 mil barris por dia de gasolina, óleo diesel, nafta petroquímica, óleo combustível, GLP (gás de cozinha), além de outros derivados fornecidos à Região Sul. Este processo responde, conforme o SEEG, por 125,1 mil toneladas de gases do efeito estufa locais (10% das emissões).

Primeiro teste no complexo ocorreu no ano passado, a partir do óleo de soja



PETROBRAS/DIVULGAÇÃO/JC

No teste de 2023, matéria-prima foi toda adquirida de empresa do RS

Em 2023, o primeiro teste de biorrefino, a partir de 2 mil toneladas de óleo de soja, foi bem-sucedido, e o bioGLP gerado no processo inédito no mundo foi comercializado com a Ultragas. Nesta primeira etapa, foram produzidos insumos petroquímicos e combustíveis renováveis como GLP, combustíveis marítimos, propeno e bioaromáticos, usados nas indústrias da borracha sintética, nylon e PVC.

Foi identificado, ainda, que os teores alcançados de concentração de bioaromáticos são

capazes de atender aos níveis exigidos para formular gasolinas de elevado desempenho, praticamente sem enxofre.

Em novembro, é previsto o coprocessamento de carga mineral com bio-óleo (matéria-prima avançada de biomassa não alimentar), gerando propeño, gasolina e diesel renováveis. Conforme a assessoria de imprensa da empresa, há uma busca ativa de parcerias com produtores regionais de óleo de soja – especialidade no distrito industrial junto ao Porto e em

idades próximas – para garantir o abastecimento.

No teste de 2023, por exemplo, o óleo foi todo adquirido de uma empresa gaúcha. No entanto, para a implantação do projeto, o volume de óleo será superior à disponibilidade no RS, o que abre caminho para novos investimentos de empresas da região. Trazer o produto de outras regiões não é descartado, mas também são experimentadas outras matérias-primas com resultados positivos, como o sebo bovino.

Ambientes vegetais costeiros são decisivos para reter carbono em Rio Grande

Conforme relatório do Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (Seeg), do Observatório do Clima, Rio Grande captura cerca de 200 mil toneladas de gases do efeito estufa – 15% do total de emissões do município. O potencial para reter carbono – e gerar ganhos econômicos – está no “carbono azul”.

Trata-se do potencial de retenção de carbono em ambientes vegetais costeiros e alagados, como é o caso das marismas – áreas alagadas,

que recebem tanto a água doce quanto a salgada em um estuário, a exemplo da Lagoa dos Patos – consideradas uma das principais moedas de Rio Grande para um futuro mercado de carbono. Entre Rio Grande e São José do Norte, por exemplo, estão 90% das marismas do RS e, segundo a professora do Instituto de Oceanografia da Furg, Margareth Copertino, este ecossistema é fundamental para a meta de Rio Grande.

“As marismas têm capacidade para reter, entre a vegetação

e o solo, em média, 300 toneladas de carbono por hectare. É quase 10 vezes mais do que os estoques médios estimados para solos da Amazônia, Mata Atlântica e Pampas. Os estoques de carbono nas marismas locais excederiam 2 milhões de toneladas”, avalia.

Levantamentos feitos pela Furg no começo dos anos 2000 mostraram que a região ainda conservava 70 quilômetros quadrados deste tipo de ambiente. O monitoramento mais recente, em parceria com o Inpe-Santa

Maria e a Ufrgs, apontou que as marismas locais capturam, em média, 323 toneladas de carbono ao ano.

Entre os objetivos do projeto desenvolvido pelo Instituto de Oceanografia da Furg – aprovado em edital do Conselho Municipal do Meio Ambiente de Rio Grande para, a partir dos seus resultados, nortear toda a política de redução de emissões – está justamente a recuperação destes ambientes. Regiões como a Ilha da Pólvora, em Rio Grande, foram apontadas como

eficientes sumidouros de carbono, ou seja, que capturam mais do que liberam os gases diretamente relacionados ao agravamento dos efeitos das mudanças climáticas.

Potencializar a preservação e recuperação destes terrenos, com alto poder de captura de gases, é considerado pela administração do município um movimento diretamente proporcional a qualquer aumento das atividades econômicas em Rio Grande como forma de atingir a emissão neutra em tempo recorde.

Principais indústrias de Rio Grande buscam reduzir pegada de carbono

Mesmo com Rio Grande tendo alcançado o maior PIB entre as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste, com aumento de 33,1% entre 2020 e 2021 – o ano mais recente da série com dados municipais –, chegando a R\$ 13,2 bilhões, impulsionado pela exportação da safra de soja daquele ano, o município é somente o 12º em emissões atmosféricas entre essas regiões, e trabalha para a neutralização do carbono.

O desafio é encarado pelos gestores como uma forma de acelerar o caminho rumo à Economia Azul limpa, que promove o desenvolvimento em harmonia com o ambiente marinho desejado para a cidade portuária.

A prefeitura prepara a elaboração do inventário de emissões do município para, a partir daí, buscar a neutralização do que é emitido. Paralelamente, há planos de ampliar áreas de

preservação – recentemente foi criado o Parque Natural Municipal da Barra do Rio Grande, de proteção integral.

Ao todo, entre áreas estaduais, municipais e federais, Rio Grande concentra quatro unidades de conservação, além da regularização de áreas de

A economia e a indústria de Rio Grande

► Rio Grande teve crescimento de 33,1% do PIB entre 2020 e 2021.

► As maiores empresas locais são a Refinaria Riograndense, Tecon Rio Grande, Yara Fertilizantes, Bunge e Bianchini.

► São 54 empresas instaladas no Porto Indústria, o maior distrito industrial do Rio Grande do Sul.

preservação permanente, próximas aos mananciais, totalizando, entre estas duas categorias, 862,9 quilômetros quadrados. São mais de 30% da área total do município. Um dos potenciais futuros é entrar no mercado de créditos de carbono.

Conforme levantamento do Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG), do Observatório do Clima, em 2022 foram lançadas 1,3 milhão de toneladas de gases do efeito estufa a partir de Rio Grande. As cinco principais indústrias locais atuam junto ao porto e contribuirão para que 25% das emissões fossem geradas por transportes e produção de combustíveis.

Se a Refinaria Riograndense assume um papel pioneiro na redução da sua pegada de carbono, outros atores deste processo também têm adotado medidas mais sustentáveis. Entre eles

está a Yara Fertilizantes, que implantou inovações recentes em sua planta, após um ciclo de R\$ 2 bilhões de investimentos, como a redução de distâncias e, por consequência, do consumo de energia e combustíveis para a produção de fertilizantes.

A partir do portão da fábrica são carregados até 350 caminhões por dia, com um tempo de permanência máximo de três horas. São 15 quilômetros de esteiras, que servem como elos em cada etapa de preparação de adubos nos 500 mil metros quadrados da fábrica, em processos quase 100% automatizados, a partir do cais, que é praticamente dentro do parque industrial.

A unidade da Yara em Rio Grande é o maior complexo de fertilizantes das Américas. Com os aportes, automatizou ao máximo os processos operacionais e passou a funcionar, também, como porto de carga e não somente descarga. Da mesma forma, foi intensificado o modal ferroviário, que liga a operação na Região Sul a Cruz Alta – a ferrovia tem capacidade de carga e

prancha de descarga de 15 mil toneladas.

Outra mudança foi no transporte rodoviário de matérias-primas para serem misturadas em outras unidades. Agora, a preparação do fertilizante é toda feita em Rio Grande. Assim, a empresa busca ter ações de descarbonização não apenas nos produtos, mas também na operação industrial.

A vantagem logística do Porto de Rio Grande, que concentra as empresas do distrito industrial do outro lado da rua, é um fator preponderante na redução do potencial poluidor com o transporte, e faz toda a diferença no momento de investir.

Por isso, os cuidados com uma infraestrutura resiliente a eventos climáticos extremos entra na conta, inclusive, do terminal de contêineres mais automatizado do Brasil, e que opera com inteligência artificial no seu fluxo entre navios e terminal, além de contar com frota de rebocadores com redução de até 70% de emissões e de 14% no consumo de combustível.



NOSSO FUTURO É RENOVÁVEL

O uso de energias geradas por fontes limpas é o que a sociedade quer.



Traga a sua energia para cá!

SEJA UMA ASSOCIADA

www.sindienergias.com.br



Panorama

Um mapa de oportunidades para as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste

Potenciais identificados no Mapa em 2023, como uma nova fábrica de celulose e a transformação de uma biorrefinaria, começam a sair do papel. Conheça 16 iniciativas que podem alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul.

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

1. FABRICAÇÃO DE CELULOSE E PLANTAGENS DE EUCALIPTO



O item foi identificado no Mapa Econômico do RS de 2023 e agora volta com iniciativas concretas. Uma nova fábrica de celulose da CMPC, em Barra do Ribeiro, será o maior investimento privado já feito no Rio Grande do Sul, com aporte de R\$ 24 bilhões. A produção de celulose branqueada da multinacional, por sua vez, vai demandar aumento da área plantada de eucalipto na região. A silvicultura também garante fornecimento de produtos de madeira, especialmente pellets, e de resinas. A partir da atualização dos critérios para licenciamento de novas áreas para o plantio de eucalipto, pinus e acácia negra no Rio Grande do Sul, o setor espera atrair até R\$ 3 bilhões em investimentos, com aumento de pelo menos 50% do plantio.

2. DO PETRÓLEO AOS BIOCOMBUSTÍVEIS



O projeto de transformação da Refinaria Riograndense em uma biorrefinaria, em Rio Grande, tende a transformar a economia local em direção a um viés mais limpo em relação à produção de combustíveis. Produtos como óleo de soja, sebo de gado, óleo de cozinha residual e até o plantio de canola tornam-se opções ao petróleo. Já em Minas do Leão, no Centro-Sul, a produção a partir de resíduos sólidos passará a gerar biogás para abastecer todos os setores da economia, inclusive os caminhões que transportam o lixo. Há ainda a perspectiva de desenvolvimento de alternativas à produção carbonífera em Candiota, resultando em metanol, hoje considerado elemento fundamental aos biocombustíveis e, por isso, importado. Outra nova oportunidade está na Bacia de Pelotas, na costa, com o avanço do projeto para a extração de petróleo no mar.

4. ENERGIA LIMPA COM SOL E BIOMASSA



O caminho da transição energética do Rio Grande do Sul passa, necessariamente, pelas regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste, apontadas como mais propícias para geração fotovoltaica e a partir de biomassa. Ainda não respondem por 5% da energia gerada no Estado, mas despontam como potenciais investimentos fundamentais para o futuro. Em Minas do Leão e Candiota, há geração de energia a partir de resíduos sólidos urbanos, e outro caminho para obtenção de biomassa tem sido as cascas de arroz, com projetos milionários em Itaqui e Uruguaiiana. Na área da energia solar, há projetos de grande porte em execução em Candiota e Camaquã. Entre Barra do Quaraí, Dom Pedrito e Uruguaiiana estão algumas das maiores usinas fotovoltaicas gaúchas.

6. FERTILIZANTES



Rio Grande concentra seis plantas industriais de produção e distribuição de fertilizantes, um polo que promete estar no alvo de futuros investimentos em tecnologia e pesquisa para que o agro avance em relação à adaptação e resiliência, com maior eficiência na área de plantio, em meio a mudanças climáticas. E isso envolverá o impacto da própria indústria de fertilizantes, que hoje garante a maior parte da movimentação de importações do Porto de Rio Grande. Há possibilidade de que este polo avance em direção a Candiota e Lavras do Sul, onde existem projetos com carvão e fosfato para a geração de matéria-prima a estes produtos.

7. USINAS A GÁS NATURAL E SOLUÇÕES PARA O CARVÃO



A transição energética está em debate, e o setor de geração de energia termelétrica a partir de combustíveis fósseis, mesmo apontado como responsável pela maior parte das emissões de gases do efeito estufa na região, está mobilizado para aumentar seu tempo de produção e investir em modernização dos métodos, reduzindo o impacto ambiental da produção. São os casos das duas usinas a carvão ativas em Candiota. Em Uruguaiiana, há uma usina movida a gás natural, e um projeto a ser executado em Charqueadas. O projeto de usina a gás do Grupo Cobra, em Rio Grande, ainda não é considerado descartado.

3. ENERGIA EÓLICA



O maior potencial eólico do Estado está entre as regiões Sul e Fronteira Oeste. Neste ponto do Estado, mais de 60% da energia eólica já instalada concentra-se entre Santana do Livramento, Santa Vitória do Palmar, Chuí e Rio Grande. Entre os novos projetos para mais de 80 parques eólicos, 21 municípios dessas regiões esperam receber iniciativas. Há ainda 20 projetos de parques eólicos offshore (no mar) em estudos ao longo da costa do Litoral Sul.

5. HIDROGÊNIO VERDE



Apontado como a grande aposta do Rio Grande do Sul na transição energética, a produção de hidrogênio verde ainda depende da concretização dos maiores projetos de geração de energia eólica no território gaúcho e em alto mar, porque depende de fontes de energia 100% limpas. Há 14 memorandos assinados por empresas interessadas junto ao governo estadual e, em Rio Grande, junto ao porto, há expectativa de que, já neste ano, seja possível avançar com pelo menos um projeto de planta-piloto.

8. PRODUÇÃO CIMENTEIRA PARA ATENDER AO AVANÇO DA CONSTRUÇÃO

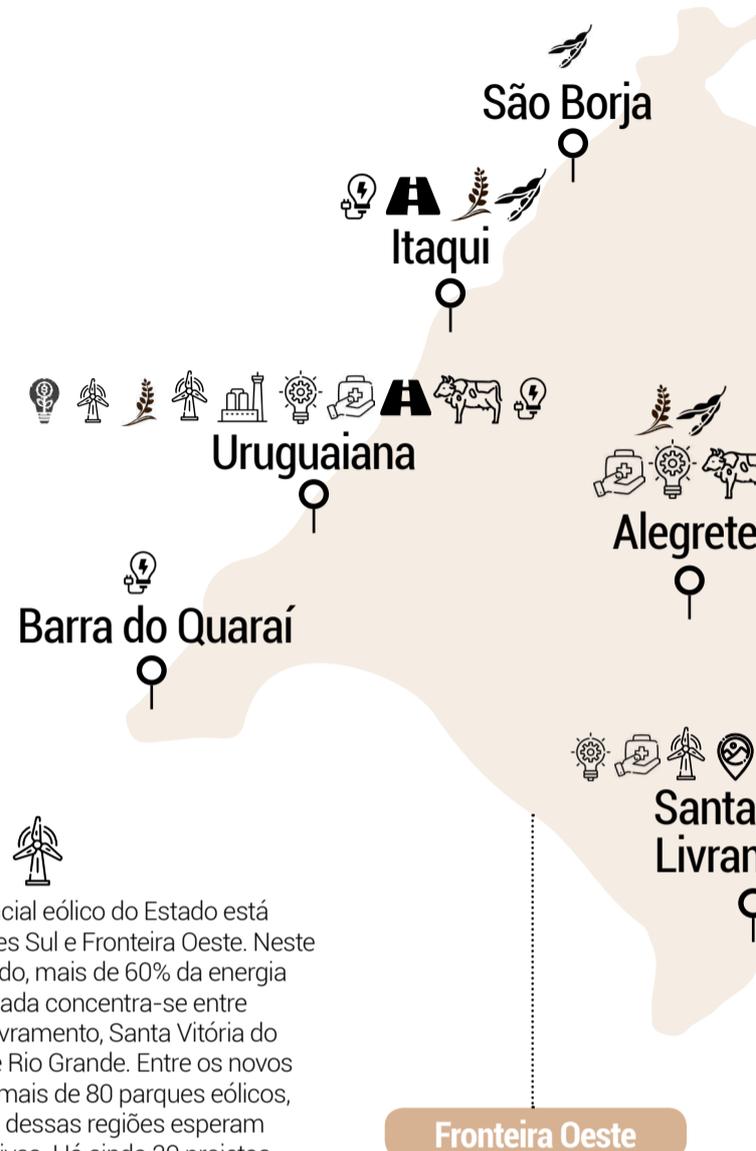


A produção a partir do carvão em Candiota mobiliza o setor cimenteiro gaúcho. Neste ano, o município recebeu o anúncio da segunda planta de produção de cimento usando as cinzas do carvão, e há perspectivas de uma terceira planta. O setor de construção civil, especialmente no momento de reconstrução do Rio Grande do Sul, está em fase de aquecimento, e há crescimento na demanda.

9. PRODUÇÃO SIDERÚRGICA MAIS LIMPA



A Gerdau concentra em Charqueadas a sua produção de aços direcionados à indústria automobilística cada vez mais limpa, exigindo aços mais leves e nobres. Toda a produção é proveniente de reciclagem de sucatas, que colocam a indústria gaúcha na vanguarda da produção sustentável, com um padrão de emissões 10 vezes menor do que a média mundial. A empresa responde por 100% das exportações de Charqueadas. A Gerdau finalizou, em 2023, aporte de R\$ 250 milhões na modernização da planta. Há expectativa de que inicie o processo inédito de desmonte de plataformas da Petrobras no Estaleiro do Porto de Rio Grande, para uso como sucata pela Gerdau.



Fronteira Oeste

10. PORTOS E LOGÍSTICA

O papel dos portos de Rio Grande e Pelotas tende a ser ainda mais importante do ponto de vista logístico e de novos negócios a partir da implementação da Hidrovia do Mercosul, que ligará o Uruguai ao Sul gaúcho via Lagoa Mirim. A perspectiva é de que a movimentação de cargas na nova rota praticamente duplique, especialmente nas áreas florestal, de fertilizantes e de contêineres. A Portos RS tem investido na melhoria tecnológica dos portos para garantir agilidade de competitividade às operações. Há ainda perspectivas de investimentos em nova estrutura portuária em Barra do Ribeiro, com o aporte da CMPC, assim como Rio Grande e Pelotas, além de maiores desembolsos nas melhorias estruturais da hidrovia gaúcha, pela Lagoa dos Patos.

11. INFRAESTRUTURA RODOVIÁRIA

A região recebeu garantia de R\$ 1,4 bilhão em investimentos para obras pelo Novo PAC. Projetos que prometem transformar alguns pontos, especialmente o Sul, com obras como a ponte entre São José do Norte e Rio Grande e a finalização da duplicação da BR-116 entre Guaíba e Pelotas. O pacote de investimentos inclui ainda pontes, trens, barragens e aeroportos.

12. INOVAÇÃO, SAÚDE E EDUCAÇÃO POTENCIALIZAM A ECONOMIA LOCAL

A pesquisa e a inovação estão presentes em toda a cadeia produtiva das regiões. No Sul, consolida-se entre Pelotas e Rio Grande um polo de saúde e biotecnologia. E há ainda o desenvolvimento de tecnologias para a operação do Porto de Rio Grande. Entre a Campanha e a Fronteira Oeste, destacam-se as relações entre as universidades e instituições como a Embrapa e o Irga, com os produtores rurais no desenvolvimento de processos mais eficientes e limpos para a agropecuária. Entre universidades e polos tecnológicos, são pelo menos seis na região.

13. CIDADES RESILIENTES ATRAEM A CONSTRUÇÃO

As duas principais economias da região têm experimentado um mercado aquecido para a construção civil. Somente em Pelotas, nos últimos três anos, foram R\$ 2 bilhões em lançamentos imobiliários. Uma construção que já sai do papel com o perfil de cidades mais resilientes e com metas, como em Rio Grande, arrojadas para redução de emissões de gases do efeito estufa. A região inova com planos de resiliência urbana, que mostraram eficiência, por exemplo, nas respostas das cidades ao avanço das cheias de maio.

16. CAMINHOS ABERTOS PARA O TURISMO

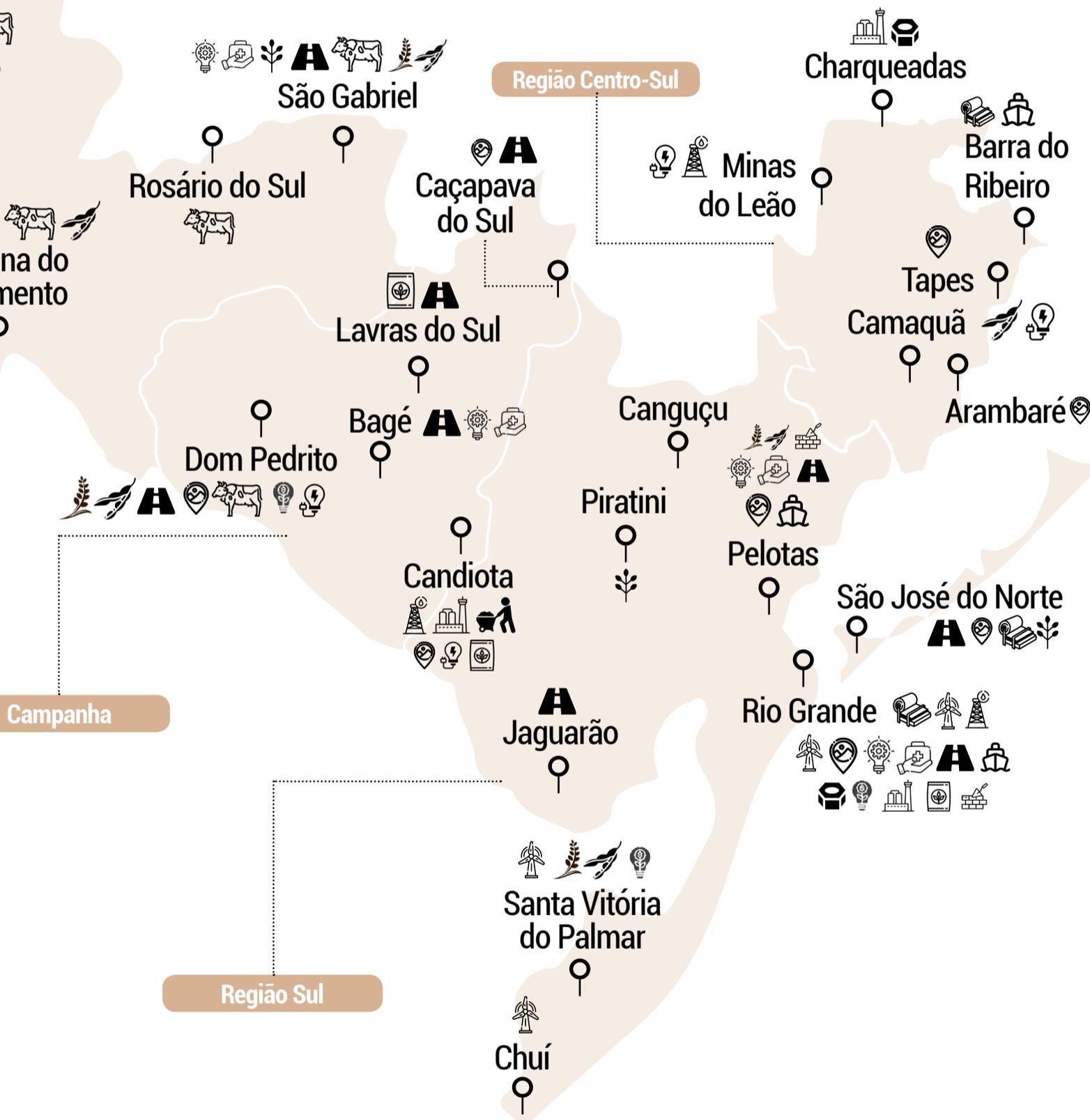
Na transformação do município para a Economia Azul, cada vez menos poluente, Rio Grande investe para se tornar um ponto de atração turística estruturado para os cruzeiros marítimos que passam pela costa. O projeto inclui a potencialização não apenas da cidade, mas da região, como em São José do Norte e Pelotas. A região também fortalece cada vez mais o oliveturismo e o enoturismo, com novos e importantes investimentos, como a recente ativação do Trem do Pampa, em Santana do Livramento. E há ainda o turismo de convívio com a Lagoa dos Patos, em locais como Arambaré e Tapes.

14. ARROZ E SOJA

A rotação de solos entre o arroz e a soja tem rendido, conforme o Irga, ganhos produtivos às duas culturas que se tornaram tradicionais na região, além da redução do impacto ambiental da produção agrícola. A pesquisa envolvida no plantio tem evoluído e deve garantir maiores investimentos no futuro, como forma de adaptação às mudanças climáticas. Como resultado desta melhoria nos padrões produtivos, a indústria de beneficiamento do arroz e de processamento de soja e arroz em óleo, por exemplo, volta suas atenções para a região.

15. A PECUÁRIA DO PAMPA

A resposta da pecuária bovina entre as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste à marca de um dos setores que mais contribuem para as emissões de gases do efeito estufa no Estado tem vindo com pesquisa e valorização do gado criado no Pampa. O envolvimento de entidades como a Embrapa no desenvolvimento de pasto, com a cobertura de solo mais eficiente, e no convívio entre a produção pecuária e outras culturas, tem rendido maior captura de carbono nas propriedades. E há ainda o avanço genético que garante a carne diferenciada e reconhecida com um selo próprio na região. A tendência é de maior reconhecimento no mercado para a criação única, aliada à preservação do bioma.



na do
mento

Campanha

Região Sul

Região Centro-Sul

Reportagem Especial

Desmanche de plataformas em Rio Grande segue em compasso de espera

Sucata de embarcações servirá como matéria-prima para a produção de aço em unidades da Gerdau

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Desde que a plataforma P-32, da Petrobras, chegou ao Estaleiro Rio Grande, no final do ano passado, o local que já foi o símbolo da pujança naval gaúcha com a construção de embarcações, está em compasso de espera.

Chegou a ser iniciado ali, em uma parceria entre a Ecovix, que opera o estaleiro, e a Gerdau, o desmonte da primeira plataforma para fornecimento de sucata que será matéria-prima, reciclada, na produção de aço nas unidades da siderúrgica em Charqueadas e Sapucaia do Sul.

O plano inclui ainda o contrato para desmontar mais uma plataforma, a P-33. No entanto, um impasse entre Petrobras e Gerdau – após a constatação de um grande volume de óleo e produtos combustíveis em compartimentos da plataforma – ainda não permitiu que a operação de desmonte tivesse

maiores avanços.

As duas operações totalizaram em torno de R\$ 6 milhões em investimentos da Gerdau na compra, e mais R\$ 48 milhões na contratação da Ecovix para o desmonte, com o fornecimento de material necessário para garantir dois meses de produção da unidade da indústria siderúrgica em Charqueadas, na região Centro-Sul, de maneira mais limpa, a partir da reciclagem, como é a prática da empresa no Estado, e sem envolver o processo de mineração de aço.

“Pelo fato de produzirmos aço a partir de sucata reciclada, garantimos uma operação que hoje é 10 vezes mais limpa do que a média mundial no setor, e temos uma meta de reduzirmos ainda em 10% nossas emissões nos próximos 10 anos. Reduzir a pegada de carbono, especialmente da produção de Charqueadas, é fundamental, porque o produto final são aços especiais, cada vez mais leves e limpos, fornecidos para a indústria automobilística empregar nos carros híbridos. O papel da operação de Charqueadas nessa evolução da indústria é estratégico. Foi também pensando nisso que inovamos na busca de

solução para as plataformas, que se tornariam sucatas sem destino, e poluidoras”, aponta o CEO da Gerdau, Gustavo Werneck.

A multinacional é responsável direta por Charqueadas ter o quarto maior VAB Industrial entre as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira, de R\$ 778,2 milhões, e responsável por 100% das exportações do município entre janeiro e juho deste ano.

No último ano, a empresa encerrou um investimento de R\$ 250 milhões na modernização dos processos de produção do aço que abastece a indústria automobilística nacional.

A parceria com a Ecovix abre nova oportunidade para a Gerdau, inédita, em Rio Grande. A estimativa é de que o trabalho na desmontagem da plataforma, em seu momento de pico, deverá empregar até 250 pessoas no estaleiro. Volume que ainda não remonta uma década atrás, no auge do setor, mas mantém o polo naval ativo, e em uma expectativa reforçada neste segundo semestre.

É que a Petrobras confirmou o lançamento de licitações para construção de navios de transporte em estaleiros do País, como um sopro de

retomada ao polo naval.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a Ecovix confirma que está habilitada e em fase de preparação de proposta ao edital para construção de quatro navios para transporte de produtos claros para a Transpetro. A presença da P-32 ainda no dique, conforme a assessoria, não deve prejudicar o projeto.

“Estamos prontos e ativos. Se surgisse hoje, por exemplo, a demanda por instalações de montagem ou armazenamento relacionado às eólicas offshore, poderíamos iniciar as operações na próxima semana. O mais difícil, que é implementar um estaleiro, em Rio Grande e São José do Norte já foi feito. Precisamos é dos novos negócios”, diz Ricardo Ávila, que também lidera o Arranjo Produtivo Local (APL) Marítimo.

O APL mobiliza hoje 30 empresas, e é um dos elos fundamentais para estabelecer a Economia Azul em Rio Grande. O movimento é responsável direto, por exemplo, pelo aumento da capacidade de giro de grandes navios pelo Terminal de Contêineres (Tecon) no Porto de Rio Grande, com o desenvolvimento de um simulador de manobras.

A siderurgia limpa e a relação com o polo naval

► Entre Rio Grande e São José do Norte há dois estaleiros estruturados para construções e desmontes de embarcações, além da possibilidade de apoio à infraestrutura de parques eólicos.

► A operação da Gerdau em Charqueadas abastece o mercado nacional e internacional com aços especiais para a indústria automobilística, especialmente nos veículos híbridos.

► A empresa responde por 100% das exportações de Charqueadas.

► A produção da Gerdau no Estado é 10 vezes mais limpa do que a média mundial do setor. Toda produção de aços da empresa no Rio Grande do Sul é feita a partir da sucata.

Expectativa é produção de hidrogênio verde para exportação

O potencial para geração de energia a partir do vento ganha mais força com projetos em análise pelo Ibama para geração eólica offshore (no mar). Do total de 27 protocolados na faixa junto ao litoral gaúcho, 20 são no Litoral Sul. Essa atração de investimentos bilionários soma-se à futura geração eólica por terra para abastecer o projeto de produção de hidrogênio verde no RS. Para obter este combustível limpo, a cadeia de produção precisa também ser limpa.

Atualmente, há 14 memorandos de entendimento de empresas do setor firmados com o governo estadual para possíveis instalações de plantas de hidrogênio verde. O plano considera proximidade com os pontos de geração de energia renovável e a infraestrutura de linhas de transmissão. Rio Grande, também por sediar o porto, é considerado um dos locais adequados para receber o projeto. O complexo teria um hub que facilitaria a exportação do combustível à Europa.



MATHEUS VIEIRA/ECOVIX/DIVULGAÇÃO/JC

Plataforma P-32 chegou ao Estaleiro Rio Grande no final de 2023; constatação de grande volume de óleo impede o desmanche da estrutura

Reportagem Especial

Parque Eólico Coxilha Negra é usina de vento na Fronteira Oeste do RS

Produção de energia eólica já está ocorrendo em Santana do Livramento

Desde julho deste ano, quando tiveram autorização da Aneel para iniciar a operação comercial da geração de energia elétrica, as primeiras unidades do Parque Eólico Coxilha Negra, em Santana do Livramento, começaram a produzir energia a partir do potencial de ventos da região.

Cada aerogerador tem 125 metros de altura, pesa mais de 1.300 toneladas e possui potência instalada de 4,2 MW. Em agosto, chegou a 23 o número de aerogeradores em operação no empreendimento da CGT Eletrosul – braço da Eletrobras.

Quando estiver a pleno, o parque eólico no município da

Fronteira Oeste terá três conjuntos de usinas com 72 aerogeradores, e uma capacidade instalada de 320 MW.

Não é à toa que Santana do Livramento vivencie em tempo real a transição energética vislumbrada pelo Estado. É o local do maior projeto de energia eólica da CGT Eletrosul em execução atualmente, demandando R\$ 2 bilhões em investimentos. Na região, há o que os especialistas consideram uma verdadeira mina de vento.

O Coxilha Negra será o maior complexo de geração de energia a partir do vento, mas já há outros dois em operação. O resultado se vê nas contas públicas do município e na movimentação da economia local. Hoje, Livramento é considerado o 31º município em retorno de ICMS no Rio Grande do Sul.

A própria CGT Eletrosul já



Complexo está sendo implementado em Santana do Livramento, e já tem aerogeradores em operação

opera desde 2011 o Complexo Eólico Cerro Chato, com capacidade instalada de 138 MW, e, desde 2015, o Parque Ibirapuitã, de 163,2 MW. Agora, durante as obras do Coxilha Negra, são 530 trabalhadores oriundos de municípios gaúchos.

Do ponto de vista das contas do município, os dois atuais parques eólicos começaram a gerar retornos de impostos em 2019, após o período de

isenção, e, no último ano, representaram R\$ 1,1 milhão diretos nos cofres do município que recebeu R\$ 52,3 milhões em retorno de ICMS.

Dados do governo municipal indicam, porém, que, diretamente, os atuais parques representam somente 3% da arrecadação, mas servem como molas propulsoras de outros setores. Os preços para aquisições de áreas em Santana do Livramento, por

exemplo, triplicaram desde o primeiro ciclo de energia eólica no Rio Grande do Sul, e não baixaram mais.

No campo, os parques eólicos representam mais recursos aos produtores rurais que negociam as suas áreas, gerando movimentação do setor de serviços de Livramento. Setores como supermercados, áreas gastronômica, hoteleira e imobiliária são apontados como em pleno aquecimento.

Sul, Campanha e Fronteira Oeste concentram capacidade eólica

Concentram-se nas regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste quase 80% da capacidade mapeada de geração de energia eólica do Estado. Santana do Livramento, Santa Vitória do Palmar, Chuí e Rio Grande concentram 64% da atual potência instalada, em 80 parques eólicos ativos no Rio Grande do Sul.

Levantamento da Secretaria Estadual da Fazenda aponta que quase metade da arrecadação da região é proveniente de serviços industriais de utilidade pública, que incluem atividades como a geração e distribuição de energia.

E os ventos que garantem grandes investimentos e relações internacionais para Livramento sopram também na vizinhança. Neste ano, a Norwind Energias Renováveis anunciou o seu projeto, com aportes previstos de R\$ 6,5 bilhões, para construir o Parque Eólico

Minuano do Ibirocaí, em Uruguaiana que, se concretizado, será o maior do Sul do Brasil, com até 200 aerogeradores e capacidade de geração que chegaria a 1 GW. Energia suficiente para atender 4,1 milhões de habitantes.

O projeto ainda está em fase inicial de protocolos para os pedidos de licenciamento, mas os empreendedores, que pertencem ao grupo português Quifel, já projetam 10 mil empregos e um impacto de 20% no PIB de Uruguaiana.

O mesmo município também será beneficiado pelo Complexo Três Divisas, que terá parques ainda em Alegrete e Quaraí, com capacidade prevista de 400 MW. O protocolo de intenção para a instalação foi assinado em agosto entre os empreendedores da empresa Renobrax e o governo estadual. O projeto envolverá investimentos de R\$ 3 bilhões,

com geração de outros mil empregos.

São mais de 60 novos parques onshore (em terra) em análise em 31 municípios do Estado – 21 desses municípios ficam entre o Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste. No caso do Três Divisas, já há licença prévia concedida pela Fepam, e é considerado o mais extenso dos projetos analisados. Agora, a Renobrax informa que mobiliza investidores para tirar o plano do papel.

Conforme levantamento do Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG) do Observatório do Clima, Santana do Livramento lançou, em 2022, 1,6 milhão de toneladas de gases do efeito estufa. No entanto, somente entre 2021 e 2022, aumentou em quase 600 mil toneladas o volume de remoção de gases. Resultado, conforme o estudo, da recuperação de

áreas preservadas e de vegetação secundária.

O município faz parte do projeto Fronteira Sustentável, que nos últimos anos recebeu aportes de € 1 milhão – R\$ 6 milhões em valores atuais – da União Europeia, que já proporcionou quadruplicar a capacidade de reciclagem de resíduos local, mas ainda há o desafio em relação à destinação de resíduos urbanos.

Entre Santana do Livramento e Rivera, no lado uruguaio, há um núcleo urbano de pelo menos 160 mil pessoas, e o município brasileiro mais próximo está a 100 quilômetros dali. Pelo menos três empresas interessadas no recolhimento e destinação do resíduo gerado nessa concentração populacional visitaram a prefeitura, mas os possíveis investimentos não foram adiante, pela operação entre os dois países não ser possível pela legislação brasileira.

A energia eólica no Rio Grande do Sul

► Geração eólica responde por 20,9% da energia no Rio Grande do Sul, e 64% da potência já instalada concentra-se em Santana do Livramento, Santa Vitória do Palmar, Chuí e Rio Grande.

► 21 municípios da região têm projetos de parques eólicos em análise ou em fase de instalação no Estado. Parques Coxilha Negra, em Santana do Livramento, e Pedras Altas, em Pinheiro Machado, já têm licença de instalação.

► 20 projetos de parques eólicos offshore, de um total de 27, ficam na Costa Sul do Rio Grande do Sul.

► Geração solar, que tem a Campanha como ambiente mais adequado para instalação, responde por 3,4% da energia do Rio Grande do Sul.

Energia

Investimento em polo carboquímico pode dar novo uso a carvão em Candiota

Rio Grande do Sul concentra 89% das reservas do mineral e mantém duas usinas termelétricas a carvão

Eduardo Torres

Com mais de 40% das emissões de gases do efeito estufa do Rio Grande do Sul concentradas entre as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste, não por acaso elas estão no centro das atenções do poder público e, principalmente, de quem quer investir em alternativas para uma necessária transição energética que gere, além de produção limpa, riqueza.

No caso de Candiota, na Campanha, o processo envolve uma transformação. Conforme levantamento do Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG) do Observatório do Clima, o município historicamente é o maior emissor de gases do efeito estufa no Estado.

Nos próximos anos, porém, são esperados pelo menos US\$ 500 milhões – R\$ 2,7 bilhões em valores atuais – em investimentos para tornar a região um polo carboquímico com o aproveitamento menos poluente das imensas reservas de carvão que se concentram ali.

O Rio Grande do Sul tem 89% das reservas brasileiras, que hoje são exploradas em duas usinas térmicas listadas entre as mais poluentes e menos eficientes do País e, ainda assim, tiveram importante papel para salvar o País de um apagão



ARQUIVO ELETROBRAS CGTEE/DIVULGAÇÃO/JC

Termelétrica Candiota 3 é uma das usinas abastecidas por carvão atualmente no Rio Grande do Sul

de energia há três anos.

E isso deixou uma marca ao meio ambiente. Em 2021, quando as usinas termelétricas tiveram demanda recorde, Candiota chegou a 6,8 milhões de toneladas de gases do efeito estufa lançados na atmosfera, figurando como o 43º município brasileiro com maior volume de emissões. No ano seguinte, o mais recente da série do SEEG, Candiota ocupou o 60º lugar, tendo lançado 4,3 milhões de toneladas de gases, mantendo o posto de maior emissor de gases do efeito estufa do Estado.

A novidade agora é que o carvão passaria a ser gaseificado, e não mais usado em queima direta, como na produção das usinas térmicas. “Estamos muito seguros do potencial elevadíssimo do carvão em Candiota. Podemos dizer que é um

pré-sal dentro do continente. Desde 2012, estudamos essa área até planejarmos projetos que poderiam ser mais viáveis e representar alternativas importantes para a economia local e para movimentar uma série de cadeias produtivas no Rio Grande do Sul”, explica o CEO do grupo Vamtec, José Roberto Varella, que comanda projetos de transformação do carvão.

A empresa capixaba já tem projetos semelhantes no Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e nos Estados Unidos. Em Candiota, planeja pelo menos duas plantas industriais diferentes em uma área, inclusive, já definida no município, próximo ao local onde atualmente opera a Usina de Candiota 3.

Ambas com potencial de captura do carbono gerado pelo material fóssil. Um dos

caminhos, oficializado e com previsão de operação em 2027, será a transformação do carvão em ferro silício alumínio, considerado elemento importante em ligas de aço nos processos da produção siderúrgica. Hoje o Estado não produz este material.

Esse tipo de produção já é usado em países como o Caçaquistão e, no RS, a Vamtec atuará em parceria com a alemã ICMD. Denominado Projeto Ferroligas Candiota, na primeira etapa, a fabricação de ferro silício alumínio terá capacidade de produção de 36 mil toneladas por ano, e mais adiante, com investimentos totais, em duas etapas, de até R\$ 720 milhões, chegando a 62 mil toneladas por ano. No Brasil, a capacidade de consumo deste produto pela indústria siderúrgica chega a 170 mil toneladas anuais.

Maiores emissores de gases nas regiões Sul, Centro Sul, Campanha e Fronteira Oeste

1º Candiota - 4,3 Mt (60º do País)

2º Piratini - 3,5 Mt (90º do País)

3º Encruzilhada do Sul - 2,8 Mt

4º Alegrete - 2,4 Mt

5º Uruguaiana - 2,2 Mt

* Mt – milhões de toneladas

O uso carvão e gás no RS e as emissões atmosféricas

▶ Com 13,59% do PIB do Estado, as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste respondem por 42,62% das emissões de gases do efeito estufa do Rio Grande do Sul.

▶ 23% da energia gerada no Rio Grande do Sul ainda vem de combustíveis fósseis (carvão, gás natural).

▶ Em Candiota, estão duas usinas térmicas movidas a carvão (Candiota 3 e Pampa Sul), apontadas como as menos eficientes do Brasil; Uruguaiana tem uma usina movida a gás natural.

Municípios que mais removem gases nas regiões Sul, Centro Sul, Campanha e Fronteira Oeste

1º Minas do Leão 545,08 kt (único que captura mais do que emite)

2º Alegrete 675,6 kt

3º Sant'Ana do Livramento 586,5 kt

4º Uruguaiana 528,7 kt

5º Santa Vitória do Palmar 413,8 kt

* kt – milhares de toneladas

FONTE: SEEG 2022

Gaseificação do carvão gaúcho prevê produção de metanol, ureia e amônia

O projeto mais arrojado de transição energética previsto para a região da Campanha promete colocar Candiota em papel de protagonismo nas cadeias produtivas de fertilizantes e de biocombustíveis do País. A partir da gaseificação do carvão, a ideia é produzir metanol, ureia e amônia, além de superfosfato. Ao todo, o projeto que seria implantado em etapas, é orçado em US\$ 350 milhões – R\$ 1,9 bilhão em valores atuais.

“Todo biodiesel precisa ter

10% de metanol, e este produto hoje é importado. Em Candiota, há capacidade para atender mais de 10% da necessidade do mercado nacional e 70% do mercado regional. Na sequência, o projeto poderá viabilizar a produção de ureia, amônia e o superfosfato, com condições de fornecer uma quantidade considerável de produtos fosfatados para fertilizantes. Algo que hoje também é importado pela indústria”, aponta o CEO do grupo Vamtec, José Roberto Varella.

A estimativa é de que, saindo o papel, a futura fábrica produza 500 mil toneladas por ano de cada um dos produtos (metanol, uréia e superfosfato). Hoje, o Brasil importa 90% da matéria-prima necessária para a produção de fertilizantes.

A gaseificação de carvão tem ainda o potencial de ser matéria-prima para produção de hidrogênio azul, que é uma das formas de obtenção deste combustível. Conforme a Associação Brasileira do Carbono

Sustentável (ABCS, antiga Associação Brasileira do Carvão Mineral), há imenso potencial na produção de hidrogênio azul – assim como hidrogênio verde, que tem merecido maior atenção no Estado e não envolve matéria-prima fóssil. Países como o Japão atualmente importam o hidrogênio azul obtido a partir do carvão australiano, por exemplo. A produção desse tipo de hidrogênio também tem destaque nos Estados Unidos.

O grupo Vamtec pretende

ter a parceria asiática da China National Chemical Engineering (CNCEC) e pode contar ainda com investidores europeus para tirar os projetos do papel. A estimativa otimista do grupo é de que, em 2025, seja possível iniciar obras. Em visita a Candiota em 2023, representantes chineses da CNCEC afirmaram que, para a produção carboquímica, terão tecnologia para usar o carvão sem poluição, controlando emissões e aproveitando 99,9% de todo carvão e dos gases.

Dependente do carvão, Candiota defende transição

A economia de Candiota hoje está ancorada nos lucros da geração de energia pelo carvão. A estimativa é de que sejam gerados com novos investimentos em um polo carboquímico pelo menos 3,5 mil empregos diretos. O governo municipal defende uma transição, com a modernização das operações, e não abandono da exploração do carvão.

A produção carboquímica continuará gerando, por exemplo, a cinza do carvão, que movimenta a indústria cimenteira e, de acordo com o CEO do grupo Vamtec, José Roberto Varella, não representará necessariamente a desativação das termelétricas.

Atualmente, uma cimenteira já opera em Candiota e, neste ano, a Cimento Gaúcho inicia investimentos de R\$ 105,1 milhões para erguer uma nova planta industrial na cidade. Há ainda uma terceira indústria fabricante de cimentos em fase final de negociações para instalação no município.

Em seu plano de transição energética, que iniciará nos próximos meses a sua fase de estudos, o governo estadual salienta que a região produtora de carvão é mesmo o

principal foco das necessárias transformações em nome da preservação ambiental com viabilidade econômica. Mas é possível pensar já na desativação das usinas Candiota 3 e Pampa Sul? Se depender dos números da economia de Candiota e do balanço energético do Rio Grande do Sul, não.

Conforme o Balanço Energético Nacional, 23% da energia gerada pelo RS em 2022 foi a partir de combustíveis fósseis (carvão e gás natural). O município da Campanha experimentou em 2021, ano de insuficiência hídrica no País, um salto no cálculo do PIB municipal. É o sétimo maior PIB entre os municípios deste recorte do Estado, chegou a R\$ 2,7 bilhões, ou 73,8% a mais do que no ano anterior – a maior alta entre todos os municípios retratados neste capítulo do Mapa Econômico do RS.

O setor energético responde por 80% da arrecadação de Candiota, que tem 10,7 mil habitantes, e hoje figura entre os 10 maiores Valores Adicionados Brutos (VAB) do setor industrial do RS, de R\$ 2,3 bilhões. O setor mobiliza ainda os municípios vizinhos de Candiota.

Legislação atual permite uso do carvão até 2040

Conforme a Associação Brasileira do Carbono Sustentável (ABCS, antiga Associação Brasileira do Carvão Mineral), não há que se falar de exclusão da geração de energia a partir de combustíveis fósseis e, sim, no desenvolvimento de tecnologias capazes de neutralizar as emissões de carbono, inclusive com a captura, durante o processo produtivo das usinas.

Os processos em Candiota 3, recentemente adquirida pela Âmbar Energia (do grupo J&F), e na Pampa Sul, da empresa Starboard desde 2022, são apontados pelo setor como modernos, com a neutralização do enxofre gerado no processo de queima do carvão.

A ABCS negocia junto ao Congresso Nacional a prorrogação dos prazos dos contratos das atuais usinas

termelétricas movidas a combustíveis fósseis até 2050. No ano passado, o prazo já foi prorrogado até 2040, e o projeto de nova ampliação já foi aprovado na Câmara dos Deputados. A usina de Candiota 3, porém, ainda tem previsto o encerramento do seu contrato de fornecimento de energia para a rede em 31 de dezembro deste ano – outras duas unidades que operavam no município encerraram atividades em 2015. Já a Pampa Sul tem seu contrato se encerrando em 2044. E Candiota tem outra usina, a UTE Ouro Negro, com licenciamento já aprovado pelos órgãos ambientais.

O problema está na questão ambiental. Desde 2010, Candiota figura entre os 100 municípios brasileiros com maiores índices de emissões de gases do efeito estufa.

Energia

Empresa transforma lixo em energia e neutraliza gases

Aterro sanitário de Minas do Leão recebe resíduos sólidos de outras 80 cidades gaúchas

Minas do Leão, na região Centro-Sul, tornou-se exemplo no Estado e no País na destinação e beneficiamento, com a garantia de economia circular, de resíduos das cidades gaúchas. Em relação às emissões de gases do efeito estufa, o município ocupa posição oposta à de Candiota. Conforme levantamento do SEEG, o município responsável pelo depósito e tratamento – com geração de energia e futura geração de combustível – dos resíduos de 80 municípios gaúchos registrou em 2022 emissões negativas, ou seja, capturou mais do que lançou gases do efeito estufa à atmosfera.

Foram -460,9 mil toneladas de gases do efeito estufa no balanço entre gases lançados e removidos da atmosfera. O município ocupa a 5536ª posição entre todos no País. Ou o 32º menos poluente do Brasil.

“O aterro de Minas do Leão é o maior do Rio Grande do Sul e o segundo maior do Brasil. Encaramos este tipo de empreendimento como um grande biodigestor, no qual 50% é matéria orgânica. É nela que temos que aplicar tecnologia para evitarmos o lançamento de gases na atmosfera. Gerar gás e energia elétrica a partir dos resíduos é a forma que encontramos para



Usina gera energia a partir de resíduos sólidos em Minas do Leão

valorizarmos esse produto que é essencial e precisa de soluções”, explica o diretor-presidente da Companhia Rio Grandense de Valorização de Resíduos (CRVR), Leomyr Girondi.

Foi um processo iniciado há quase uma década. Em 2015, a CRVR passou a gerar energia com a sua biotermica instalada junto ao aterro, tornando-se a segunda operação deste tipo no País. Algo que, entre 2022 e 2023, a empresa multiplicou em seus outros aterros no Estado. Atualmente, há capacidade instalada para a geração de 8,5 MWh, dos quais 1 MWh é usado na própria operação do aterro, tornando o empreendimento autossustentável, e outros 7,5 MWh são lançados para a rede de energia. “Hoje, o valor obtido é em torno de R\$ 110 para cada MWh gerado, o suficiente para cobrir os custos”, diz Girondi.

Resíduos sólidos e geração de energia no Rio Grande do Sul

- ▶ Menos de 2% a geração de energia do Estado vem da biomassa.
- ▶ A geração de energia e combustível a partir de resíduos sólidos e de cascas de arroz são as mais promissoras em biomassa na região.
- ▶ Há projetos em execução em Minas do Leão, Uruguaiana e Itaqui.
- ▶ Com 16,4% do potencial rastreado, a Fronteira Oeste é a região com maior potencial para produção de energia a partir de biomassa no Estado.
- ▶ As cheias geraram pelo menos 800 mil toneladas de resíduos que agora começarão a ser tratados e destinados.

Biomassa servirá para produzir gás combustível

A geração de energia térmica a partir de biomassa no Rio Grande do Sul ainda não ultrapassou 2% do total da carga gaúcha. A CRVR, mesmo com excesso de chuvas em maio, avança. Investe neste ano R\$ 123 milhões, e pretende iniciar a operação em abril de 2025, para a produção de metano a partir da biomassa dos resíduos.

O cronograma previa o início das operações em Minas do Leão já em 2024, mas foram dois meses com o canteiro de obras parado. Agora, todos os equipamentos para a nova planta industrial para a produção do gás já estão no local para o

início da montagem da unidade.

“Existe uma capacidade de mercado muito grande para absorção deste produto. É o mesmo gás que as famílias consomem em casa, que move os veículos e também que é usado em processos industriais. E é obtido a partir de economia circular, do que era resíduo”, comenta Leomyr Girondi. A planta de produção de gás metano terá capacidade de 66 mil metros cúbicos por dia. E a empresa já está de olho na oportunidade de tornar a sua operação ainda mais limpa, e lucrativa, em relação aos créditos de carbono.

Conforme os dados do

SEEG, um dos itens em que a economia de Minas do Leão ainda gera gases de efeito estufa significativos ao ambiente – hoje neutralizados pelas ações no aterro – é com o transporte intenso naquela região. O plano, explica Girondi, é que a frota de caminhões que transportará o gás comprimido pelo Estado seja movida por esse gás, em mais uma experiência de economia circular. E há potencial para mais negócios e maior desenvolvimento de tecnologia a partir do lixo. Além dos 50% de carga orgânica, que geram gás produtivo, outros 11% de rejeitos poderiam ser reaproveitados.

Indústria

Fábrica de celulose transformará Barra do Ribeiro

Unidade entrará em operação em 2029 e terá capacidade para 2,5 milhões de toneladas/ano

Eduardo Torres

Da euforia por receber a notícia de ser o local escolhido no Rio Grande do Sul para sediar o maior investimento privado da história do Estado até a angústia de ver, na sua orla, o Guaíba avançar em um volume inédito, o intervalo foi de apenas uma semana para os moradores de Barra do Ribeiro, no Centro-Sul do Estado.

A partir do anúncio de R\$ 24 bilhões da gigante CMPC no projeto de uma nova fábrica de celulose, no final de abril, o município de apenas 12,2 mil habitantes já trabalhava para uma transformação urbana planejada. O fato de dois mananciais margeando o seu território – além do Guaíba, a Lagoa dos Patos – condiciona maior urgência para este planejamento. Estudo do grupo mundial de climatologistas World Weather Attribution aponta que, com as mudanças climáticas, serão cada vez mais recorrentes episódios de chuvas extremas no Rio Grande do Sul.

A enchente de maio serviu de alerta a Barra do Ribeiro, que foi menos atingida do que outros municípios vizinhos – foram 60 casas evacuadas. Assim, esses dois fatos – eventos climáticos e o megainvestimento da CMPC – devem impulsionar o planejamento urbano do município.

No começo de agosto,



TÂNIA MEINERZ/JC

Investimento de R\$ 24 bilhões da CMPC na cidade de 12 mil habitantes equivale a mais de 40 vezes o PIB do município da Região Centro-Sul

a direção da multinacional chilena assinou o termo de referência para iniciar os estudos de impacto ambiental, que serve como uma espécie de garantia e confirmação do projeto após a calamidade no Rio Grande do Sul.

Conforme anúncio feito pelo presidente do conselho das empresas CMPC, Luis Felipe Gazitúa, as obras na área que já pertence à empresa chilena em Barra do Ribeiro têm projeção para serem iniciadas até 2026, com início da operação para 2029.

No município que espera receber a segunda planta industrial para a produção de

celulose do Estado – a CMPC já opera em Guaíba –, para que se tenha uma ideia, em 2021, o PIB era de R\$ 505 milhões, ou mais de 40 vezes menor do que o investimento previsto pela multinacional.

Barra do Ribeiro poderá ter, nos próximos cinco anos, a sua população duplicada, mesmo que temporariamente, e a projeção é de que, a partir da próxima década, a arrecadação do pequeno município triplique. Além da indústria, haverá necessariamente um crescimento na oferta de serviços, como hotelaria, restaurantes e infraestrutura.

Com uma área quase 50%

superior ao território de Porto Alegre, Barra do Ribeiro agora pensa em garantir um avanço ordenado – o município terá um Plano Diretor inédito, além de um terminal de passageiros para receber o catamarã.

O projeto da CMPC poderá também alavancar o turismo. Em Barra do Ribeiro, a empresa já mantém a Fazenda Barba Negra, onde abriga um viveiro de mudas e um laboratório de pesquisa genética. A propriedade tem 10,4 mil hectares, dos quais, aproximadamente 2,4 mil são oficialmente reconhecidos desde 2009 como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Agora,

conforme Gazitúa, a futura fábrica possibilitará a criação de um parque ecológico exemplar no município.

A nova fábrica, segundo os dirigentes chilenos, terá a tecnologia mais moderna no mundo para plantas de celulose, e será “resíduo zero”, isto é, o material será transformado e reciclado.

Em 2023, a empresa concluiu em Guaíba, na Região Metropolitana, o seu projeto BioCMPC, com aporte nove vezes menor do que o pretendido em Barra do Ribeiro, apontado como o maior investimento em sustentabilidade no setor industrial gaúcho até então.

Transporte hidroviário nas regiões Sul e Centro-Sul será ampliado

O investimento anunciado pela CMPC em Barra do Ribeiro também dará um empurrão no fortalecimento da infraestrutura – especialmente hidroviária – entre as regiões Sul e Centro-Sul do Estado.

O maior aporte privado da história do Estado aponta outra oportunidade: poderá garantir um novo protagonismo ao transporte hidroviário. De acordo com a CMPC, 44% das suas movimentações de cargas já são feitas por hidrovia na região da Lagoa dos Patos.

A unidade de Guaíba atualmente recebe a madeira plantada a partir do embarque em Pelotas e, após a produção, até 90% da celulose é enviada para exportação em Rio Grande, também por esta via.

Ainda em 2022, a CMPC assinou a Manifestação de Interesse Privado junto ao governo estadual para modernizar e aumentar a eficiência do terminal em Rio Grande, em conjunto com a também chilena Neltune Ports, para a criação de um terminal exclusivo

para a exportação de celulose. O projeto é orçado em R\$ 350 milhões, mas não há garantia de que seja executado nestes moldes, já que o governo estadual deverá abrir uma licitação para a sua execução.

Em Pelotas, onde embarca a madeira colhida na região em direção à planta industrial da empresa chilena, o terminal portuário deverá receber melhorias e uma obra viária será executada para que os caminhões tenham acesso direto, a partir da ponte sobre o Canal

São Gonçalo, ao porto, não passando mais por dentro da cidade.

O aporte anunciado pela CMPC também vai alavancar exportações do Rio Grande do Sul. Somente entre celulose, pellets, cavacos e outros produtos florestais, o Estado exportou, em 2023, US\$ 1,2 bilhão, e isso representa 7,7% das exportações do agronegócio gaúcho.

Entre janeiro e julho deste ano, este volume já chega a US\$ 767 milhões, e responde

por 9% das vendas externas do agronegócio gaúcho e 10% de todas as exportações do Porto de Rio Grande neste ano.

Como a nova indústria em Barra do Ribeiro terá capacidade para processar até 2,5 milhões de toneladas de celulose por ano, mais do que os atuais 2 milhões de toneladas em Guaíba, na Região Metropolitana, e a produção é vendida ao exterior, as exportações de celulose do Rio Grande do Sul, por consequência, terão um salto.

Silvicultura

Nova fábrica de celulose no Rio Grande do Sul impulsiona plantio de eucalipto

Revisão do zoneamento ambiental do Estado permitiu ampliar a área destinada à silvicultura em solo gaúcho

A silvicultura é uma das apostas do Estado na transformação econômica que está no horizonte das regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste. Quem circula por essa área do Rio Grande do Sul já se habituou a ver no campo as áreas de florestas plantadas.

São pelo menos 39 municípios dessas regiões com a silvicultura ativa, e a estimativa da Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor) é de que, nos próximos anos, o setor movimentará pelo menos R\$ 3 bilhões no avanço de áreas plantadas de eucaliptos, pinus e acácia negra. A parte Sul do Estado – especialmente o Centro-Sul – é a mais considerada nessa projeção.

“No papel, poderá até dobrar a atual área de florestas plantadas no Estado, mas de maneira mais viável, e com possibilidade de investimentos em áreas disponíveis, imaginamos um potencial de aumento mínimo de 50% da base florestal gaúcha”, estima o presidente da Ageflor, Daniel Chies.

Desde o ano passado, o setor florestal gaúcho vivia a expectativa de destravar projetos de expansão de áreas plantadas no Estado, a partir da atualização aprovada pelo Conselho Estadual do Meio Ambiente (Consema), após cinco anos de análise, do zoneamento ambiental para a silvicultura, que revisou critérios de disponibilidade hídrica para aprovar novas áreas de plantio.

Somente a CMPC tem plantios de eucalipto em 75 municípios gaúchos. A estimativa, para alimentar a futura fábrica em Barra do Ribeiro, é ampliar em 80 mil hectares a área cultivada nos próximos três anos, com parcerias com produtores rurais em diferentes cidades gaúchas. E, só neste ano, a multinacional investirá



FABIANO PANIZZI/CMPC/DIVULGAÇÃO/JC

Somente a CMPC tem plantio de eucalipto em 75 municípios gaúchos, como Barra do Ribeiro

A silvicultura e a celulose no RS

- ▶ São 926,9 mil hectares de florestas plantadas (63,6% de eucaliptos, 30,5% de pinus e 5,86% de acácia negra).
- ▶ A celulose responde por 10% de todas as exportações do Porto de Rio Grande.
- ▶ Foram exportadas 1,6 milhão de toneladas de celulose a partir do Porto de Rio Grande em 2023. Entre 2014 e 2023, houve alta de 473,4% nas vendas de celulose para o exterior.

R\$ 150 milhões no aumento de áreas plantadas. Ao todo, quando consideradas também as áreas de preservação e de manejo florestal, a CMPC responde hoje por 487 mil hectares no Rio Grande do Sul.

Em todo o Rio Grande do Sul, a Ageflor contabiliza 926,9 mil hectares plantados. São 589,6 mil hectares de eucaliptos, 282,8 mil hectares de pinus e 54,4 mil hectares de acácia negra. E essa área deve ser ampliada.

“Com a possibilidade de expansão do plantio, os investimentos em plantas industriais no Rio Grande do Sul

terão um ambiente econômico muito favorável para se tornarem concretos. A logística rodoviária, por exemplo, é muito cara. Então, os investidores tentam sempre estar mais próximos aos centros de consumo. Áreas próximas da Lagoa dos Patos e do Sul do Estado são as mais adequadas hoje para o avanço das florestas plantadas”, aponta Chies.

O presidente da Ageflor defende que o setor florestal tem crédito quando se fala em impactos ambientais. “É uma atividade que tem uma cadeia produtiva carbono positivo. Quando falamos em aumentar investimentos em área plantada, estaremos cada vez mais fixando estoques de carbono no solo. Talvez seja a atividade que mais colabora com isso no Estado. E ser sustentável pressupõe equilíbrio entre renda, emprego e produção”, explica.

Maiores áreas plantadas

Eucalipto, pinus e acácia negra

- ▶ Encruzilhada do Sul
- ▶ Piratini
- ▶ São José do Norte
- ▶ Butiá
- ▶ São Gabriel

FONTE: AGEFLOR, 2022

Indústrias apostam na ampliação de área plantada de acácia negra

Há cerca de 20 anos, o plantio em Encruzilhada do Sul começou com o pinus, mas, hoje, também é local de eucalipto e acácia negra. São do setor madeireiro as maiores indústrias do município. É o caso da Tramontina Madeiras, que produz, desde 1990, móveis planejados. No ano passado, a empresa teve aprovado pelo Fundopem um projeto de R\$ 21,2 milhões para expansão da fábrica. A empresa R&I Pellets Wood, do Grupo Incobio, investe R\$ 40 milhões em uma planta industrial no município para produzir madeira serrada, pellets e toras a partir de pinus.

Encruzilhada é o principal foco na previsão de investimentos de até R\$ 60 milhões da Tanac para aumentar a área plantada com acácia negra. A empresa, que produz o tanino a partir da casca da planta, além de pellets e cavacos com as toras, tem hoje uma área plantada de 38 mil hectares, o equivalente a 70% do plantio desta espécie no Estado.

De acordo com o diretor-presidente da Tanac, João Carlos Soares, a meta é ampliar em até 5 mil hectares próprios e outros 2 mil com fomento a pequenos produtores, especialmente entre os municípios de Cristal, Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado e Bagé, além de Encruzilhada do Sul. “A revisão dos padrões para licenciamentos nos anima muito a mantermos um ritmo crescente de plantio. Somos os maiores produtores de acácia negra no mundo.”

Além do plantio, a Tanac tem em Rio Grande um ponto chave da operação. Em 2023, investiu R\$ 45 milhões na modernização de equipamentos para ampliar a produção de cavacos para exportação a partir do porto, vizinho à fábrica. Neste ano, avança o projeto para modernizar a produção de pellets. Ambos com vistas ao mercado asiático. A empresa chegará a 800 mil toneladas de produção anual entre os dois produtos.

Agronegócio

Arroz mais sustentável atrai novos investimentos da indústria para região

Safra do cereal no Rio Grande do Sul superou 7 milhões de toneladas

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Mesmo com a tragédia ambiental que afetou o Estado em maio, a safra de arroz chegou ao resultado esperado. Foram colhidos 7,16 milhões de toneladas do cereal – redução de apenas 1% em relação ao ano anterior –, sendo mais de 75% entre as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste. As perdas, estimadas em 5,2% das áreas semeadas, concentraram-se na faixa central do Estado.

No entanto, a certeza de que mudanças climáticas, somadas à marca que o cultivo do grão deixa ao meio ambiente – representa 17% das emissões do setor agropecuário gaúcho – têm estimulado cada vez mais o setor de pesquisa e desenvolvimento do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga). E os resultados são promissores. Entre 2021 e 2022, por exemplo, a partir da aplicação de sementes e métodos de manejo do Irga, houve redução de 200 mil toneladas de gases emitidos pela produção orizícola gaúcha.

“Nossas pesquisas têm se concentrado na adaptação no manejo e no desenvolvimento de cultivares mais adequados ao estresse hídrico. As cultivares que desenvolvemos seguem agora princípios como tolerância a doenças, alta produtividade e qualidade dos grãos e, nas novas linhas de pesquisa, as linhagens promissoras serão caracterizadas também conforme



CLEITON RAMÃO/IRGA/DIVULGAÇÃO/IC

O Rio Grande do Sul produz 70% do arroz que é consumido no Brasil

o seu padrão de emissão, com alta eficiência no uso de água e baixa demanda de defensivos químicos”, explica a diretora técnica do Irga, Flávia Tomita.

Segundo ela, nas últimas safras, mesmo com a redução da área semeada, o aumento da tecnologia e o avanço da genética, com ênfase na sustentabilidade, têm garantido mais produtividade, inclusive atingindo números recordes. Resultados que têm atraído mais investimentos das empresas de beneficiamento e de toda a cadeia do arroz.

“A sustentabilidade na prática, com a busca da produção cada vez mais limpa, garante ao arroz gaúcho um padrão cada vez mais procurado nos mercados nacional e internacional”, aponta. Saem do RS 70% do arroz consumido no Brasil.

É o que acontece em Itaqui.

O município teve a terceira maior área semeada na safra 2022/23, com 54,07 mil hectares, e na deste ano, conforme o governo municipal, houve ampliação em torno de 5%. O volume atraiu um investimento milionário da Camil, apontada pelo Irga como a principal beneficiadora do arroz gaúcho no último ano. A empresa investe pelo menos R\$ 450 milhões – valor aprovado para receber benefícios do Fundopem – naquela que se anuncia como a maior indústria beneficiadora de arroz na América Latina.

A nova fábrica vai operar junto ao trevo de acesso a Itaqui na BR-472. São mais de 200 contratações só no período de obras. A Camil, porém, não revela detalhes ou o cronograma do investimento.

No mesmo município, estão instaladas também a Josapar

– segunda maior beneficiadora de arroz do Estado em 2023 – e a Raroz. Esta, encerrou recentemente um investimento de modernização da sua fábrica. O município tem ainda uma instalação da Camera que, no entanto, não industrializa a soja no local, mas recebe os grãos produzidos na região.

A Camil já atua em Itaqui, mas tem suas instalações dentro do perímetro urbano. A mudança possibilitará quadruplicar a produção, chegando a 1,2 milhão de fardos de arroz por ano e 950 toneladas de óleo de arroz.

Dados da administração dão conta de que tudo o que é plantado entre Itaqui e Maçambará é absorvido pelas indústrias locais. A chegada da soja, há três anos, por exemplo, não reduziu a área de plantio de arroz por ali. Entre 2020 e 2021, o PIB de

Maiores beneficiadoras de arroz

- ▶ **Camil** (Itaqui, Camaquã, Capão do Leão, Dom Pedrito, Rio Grande)
- ▶ **Josapar** (Pelotas, Itaqui)
- ▶ **Arrozeira Pelotas** (Pelotas)
- ▶ **Urbano Agroindustrial** (São Gabriel)
- ▶ **Pilecco Nobre Alimentos** (Alegrete)

FONTE: IRGA 2023

Plantio de arroz

- ▶ **Uruguaiana** 69,9 mil hectares
- ▶ **Santa Vitória do Palmar** 62,8 mil hectares (56 mil com rotação de soja)
- ▶ **Itaqui** 54,07 mil hectares (7,6 com rotação de soja)
- ▶ **Alegrete** 48,1 mil hectares (6,2 com rotação de soja)
- ▶ **Dom Pedrito** 33,6 mil hectares (30,5 com rotação de soja)

FONTE: IRGA 2022/23

Produtividade de arroz

- ▶ **Rio Grande** 10 mil kg/hectare
- ▶ **Jaguarão** 9,8 mil kg/hectare
- ▶ **Santa Vitória** 9,5 mil kg/hectare
- ▶ **Dom Pedrito** 9,4 mil kg/hectare
- ▶ **Rosário do Sul** 9,3 mil kg/hectare

FONTE: IRGA 2022/23

Itaqui aumentou quase 40%.

A melhoria na qualidade do arroz gaúcho, com maior resistência às mudanças climáticas, também atrai investimentos a Pelotas, que tem a maior concentração de beneficiadoras do País – são 130 no total.

A Arrozeira Pelotas – terceira maior em 2023 –, por exemplo, investe R\$ 12 milhões para ampliar em 15% a sua capacidade de produção. Somadas, Arrozeira Pelotas, Josapar e Nelson Wendt, que representam as três maiores beneficiadoras, têm capacidade de beneficiar 15 milhões de sacas por ano.

Cascas de arroz viram energia e ganham potencial econômico

Um diferencial do novo projeto da Camil em Itaqui está na nova destinação para as cascas de arroz, que até bem pouco tempo representavam um problema ambiental. A empresa investe na criação de uma usina termelétrica que vai gerar energia a partir deste resíduo. A usina terá capacidade de 12 MW, podendo gerar energia para todas operações da indústria e vender ao sistema. Na

atual planta, a Camil já produz a energia a partir das cascas, mas com capacidade somente para o abastecimento próprio.

Novos usos à biomassa gerada pelos resíduos do arroz são uma tendência. Em decomposição no solo, representam uma preocupante fonte de geração de gases do efeito estufa. Em Itaqui, por exemplo, a cultura do arroz respondia, em 2022, por 482 mil toneladas de gases

lançados na atmosfera – mais de 30% do total de emissões do município.

A Raroz, por exemplo, já tem planejado um novo investimento para erguer sua usina. Itaqui espera ainda, há dois anos, que o projeto da Oryzasil para produzir sílica verde a partir das cascas de arroz se torne realidade. A estimativa é que o projeto possa atrair até R\$ 300 milhões em investimentos.

Em Uruguaiana, que na safra de 2022/23 teve a maior área semeada de arroz, com 69,9 mil hectares, e onde as emissões da produção de arroz representam 27%, a Nova Engevix Construções confirmou em junho que levará adiante o investimento de R\$ 70 milhões para erguer uma usina térmica movida a cascas de arroz. A capacidade projetada é de 5 MW, suficiente para abastecer uma cidade com

30 mil habitantes.

O licenciamento para instalação do novo empreendimento foi aprovado ainda no final do ano passado. A projeção é de que a futura usina consuma, em um primeiro momento, 57 mil toneladas anuais do material que até então era considerado resíduo. A perspectiva dos empreendedores é ainda destinar as cinzas deste processo ao tratamento do solo na região.

Agronegócio

Soja avança e é cultivada em rotação com arroz

Regiões ampliam área da oleaginosa e concentram alguns dos municípios com maior produtividade do grão em solo gaúcho

Foi em período de crise da produção de arroz, com baixa nos preços e áreas reduzidas por infestação de pragas como plantas daninhas, que passou a ser desenvolvida a rotação dos solos em terras baixas gaúchas, no Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste, entre o arroz e a soja. E se tornou, conforme o Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga), uma das mais promissoras soluções, tanto para aumentar a produtividade de grãos no Estado, quanto para reduzir significativamente o impacto das lavouras no meio ambiente.

As pesquisas mais recentes do órgão estadual indicam que a rotação com a soja reduz em até 60% as emissões em relação à monocultura tradicional do arroz, e a rotação esteve presente em 70% da safra

Produtividade de soja

- ▶ **Camaquã**
3,7 mil kg/hec (2º no Estado)
- ▶ **Cristal**
3,7 mil kg/hec (3º no Estado)
- ▶ **Rio Grande**
3,4 mil kg/hec (8º no Estado)
- ▶ **Capão do Leão**
3,3 mil kg/hec (10º no Estado)
- ▶ **Santa Vitória do Palmar**
3,09 kg/hec (20º no Estado)

FONTE: IBGE 2022



EMATER-RS/DIVULGAÇÃO/JC

Parte Sul do Estado registra o crescimento de área plantada de soja, que superou pela primeira vez o espaço destinado ao arroz na região

passada, mais marcadamente no Sul, onde pela primeira vez houve mais soja do que arroz plantado.

Para que se tenha uma ideia, entre os cinco maiores municípios produtores de arroz na safra passada, que teve uma média de produtividade de 8,7 mil quilos por hectare (5,4% a mais do que na safra anterior), quatro têm áreas de rotação com a soja.

Por outro lado, Camaquã, Cristal, Rio Grande e Capão do Leão, conforme o IBGE, ficaram entre os 10 municípios com maior produtividade de soja no Estado na safra de 2022. Todos produzem o grão em rotação com o arroz. Enquanto a média

de produtividade da soja no Estado naquela safra foi de 1,9 mil quilos por hectare, nas áreas de rotação, este índice chegou a 2,5 mil.

De acordo com o Irga, desde a safra 2009/2010, houve incremento da área originalmente cultivada com arroz para rotação com soja em 45 vezes. Saltou de 11,1 mil hectares para 505,9 mil hectares na safra 2022/2023.

“Inicialmente, a migração de produtores do Planalto para a Metade Sul com a soja aconteceu nas áreas mais bem drenadas, em terrenos de coxilha. O avanço para as terras baixas aumentou com a inviabilidade econômica do arroz. A soja

Plantio de soja

- ▶ **Dom Pedrito** 151,5 mil hectares (1º no Estado)
- ▶ **São Gabriel** 136 mil hectares (3º no Estado)
- ▶ **Alegrete** 85 mil hectares (8º no Estado)
- ▶ **São Borja** 85 mil hectares (9º no Estado)
- ▶ **Santana do Livramento** 75 mil hectares (14º no Estado)

FONTE: IBGE 2022

veio para limpar as áreas que estavam infestadas e tornar o sistema viável novamente, e ainda oferecer uma nova opção de renda ao produtor”, aponta a diretora técnica do Irga, Flávia Tomita.

De acordo com a secretária estadual do Meio Ambiente, Marjorie Kauffmann, as técnicas de manejo como a rotação de culturas, além do plantio direto, são diferenciais na agricultura gaúcha quando se pensa em produzir com menor impacto ambiental. O Rio Grande do Sul, destaca ela, é um dos primeiros estados a testar técnicas de agricultura de baixo carbono.

Nas lavouras experimentais do Irga, por exemplo, passaram a ocupar espaço também o desenvolvimento de cultivares de soja resistentes à variabilidade hídrica dessas regiões, inclusive em áreas alagadas, e mais recentemente, também de milho.

Sobra do arroz do Rio Grande do Sul vira óleo valorizado no exterior

Camaquã, município do Centro-Sul do Estado, é considerada a capital do arroz parboilizado. Hoje, é também a referência no mundo para o aproveitamento sustentável completo do grão, com lucratividade e valor agregado no mercado externo. O principal, ou mais rentável, produto exportado pelo município hoje não é o grão, mas o óleo bruto do arroz.

Nos primeiros sete meses do ano, o município movimentou US\$ 15 milhões com este produto em exportações, 8,5% a mais do que no mesmo período do ano passado. A maior

parte destinada ao Japão.

O óleo é obtido a partir do farelo do arroz, que sobra nas beneficiadoras e representa 10% do grão. Sem a sequência da cadeia produtiva com a geração do óleo, o farelo iria direto para as indústrias de ração animal, com menos valor agregado e menor aproveitamento do potencial do cereal. Após a extração do óleo deste farelo, o produto segue, sem deixar resíduos nem gordura, para a produção de rações de bovinos, suínos e pets.

Todo o óleo de arroz produzido em Camaquã sai da planta industrial da HT Nutri, em uma

produção iniciada há 37 anos e que hoje representa a maior fábrica produtora deste óleo no Ocidente, com produção de até 2 mil toneladas de óleo bruto por mês, a partir de 12 mil toneladas de farelo – após o processo, 10 mil toneladas seguem para indústrias de ração, boa parte na própria região.

A empresa também processa óleo de soja, mas este, voltado ao mercado interno, com o fornecimento à produção de biodiesel.

Mas essa história em Camaquã começou muito antes do início dessa produção de óleos, e se confunde com a

evolução da indústria arroseira na região.

HT é a abreviatura do nome de Helmut Tessmann. A partir da década de 1960, todo o desenvolvimento da Vila São Carlos se deu a partir do engenho de arroz implantado por ele. Hoje, aquela indústria é operada pela Cooperativa Extremo Sul, uma das maiores arroseiras do País. Posteriormente, Tessmann ergueu outra fábrica, bem próxima. E ela hoje abriga a maior planta industrial da Camil no Rio Grande do Sul.

A HT Nutri, em uma área industrial de 40 mil metros quadrados e com 400 funcionários,

hoje liderada pela segunda geração da família, opera entre essas duas empresas, e recebe boa parte da sua matéria prima diretamente delas. A HT deixou de beneficiar o arroz em grão em 2002, e hoje destina toda a sua produção de óleo de arroz para exportação.

Considerado um dos óleos comestíveis mais saudáveis, o produto do arroz tem maior estabilidade oxidativa, portanto, pode ser usado por mais tempo em frituras, por exemplo, do que o óleo de soja. Pouco disseminado no Brasil, é muito consumido em países como o Japão e os Estados Unidos.

Agronegócio

Tecnologia “embarcada”
valoriza o gado do Pampa

Alegrete é o município com o maior número de cabeças de gado em todo o Rio Grande do Sul

Eduardo Torres

Não há quem nunca tenha ouvido falar sobre a tradição da pecuária e a qualidade do gado que é criado no Pampa Gaúcho. Não por acaso, 70% da produção de gado de corte do Estado é concentrada entre Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste. Então, por que não vender ao mundo esta genética única?

Foi o que a Clarissa Lopes, CEO do Grupo Pitangueira, em Itaqui, na Fronteira Oeste, percebeu e tratou de tornar o carro-chefe de um dos grupos rurais mais bem sucedidos da região. Hoje, a genética, seja com a comercialização de sêmen ou de reprodutores, responde por pelo menos 20% do faturamento do grupo e é uma opção crescente aos pecuaristas do Pampa.

“A agropecuária hoje é uma empresa. Precisa ser sustentável, e o gado do Pampa é diferenciado. É criado sem confinamento e com uma qualidade de pasto única. Temos hoje 12 mil cabeças registradas, todas rastreadas, e o

consumidor, seja da carne ou da genética, sabe todo o histórico de cada animal. É uma exigência cada vez maior do mercado internacional, mas são aspectos que deveriam ser mais reconhecidos nas “gôndolas”, comenta a empresária.

Segundo ela, 75% da produção de gado da propriedade é destinada ao corte, mas o cuidado com a genética acontece em todo o rebanho. Uma vaca, por exemplo, é acompanhada com exames de ultrassom, acompanhamento do padrão de gordura, conversão alimentar e até mesmo a detecção de probabilidade de doenças enquanto está prenhe, como a predisposição a carrapatos. Todos os dados são compilados em conjunto com a Embrapa e a Ufrgs, que avaliam em laboratório cada item da genética dos animais.

“Hoje, conhecemos mais da vida da nossa vaca do que da nossa. Com essa combinação de fatores, estamos garantindo muita tecnologia embarcada no touro. Este valor agregado dá equilíbrio ao grupo, por exemplo, para plantarmos o arroz na hora certa”, explica ela.

Há 80 anos a família produz em Itaqui. Há 35 anos, a partir da criação da raça

Nelore, fizeram os primeiros cruzamentos com fêmeas Hereford e passaram a vender os reprodutores. Hoje, o Grupo Pitangueira é o maior vendedor de Braford do Brasil.

E se os animais garantem o lucro da porteira para fora, no lado de dentro, a rotação de solo para a produção mais sustentável de arroz é feita com a pastagem.

“Com dois anos de pastagens, o terreno está limpo para o arroz. Com isso reduzimos a área de plantio em mais de 80%, mas com maior produtividade e menor impacto ambiental”, explica Clarissa.



CEO do Grupo Pitangueira, Clarissa Lopes fez aposta na genética



Gado criado sem confinamento nos campos gaúchos permite produção de carne tida como diferenciada

A pecuária no RS

► Em 2023, o Rio Grande do Sul abateu 1,7 milhão de bovinos, e 70% da produção entre o Sul, Campanha e Fronteira Oeste.

► Somente 0,2% dos animais abatidos hoje recebem o selo de procedência de Carne do Pampa.

► A região tem 10 frigoríficos filiados ao Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados no Estado do RS.

Maiores rebanhos

► **Alegrete** 572.008 cabeças

► **Santana do Livramento** 531.504 cabeças

► **Uruguaiana** 363.453 cabeças

► **Dom Pedrito** 333.050 cabeças

► **Rosário do Sul** 304.349 cabeças

FONTE: IBGE 2022

Com campo tratado, a produção do setor pecuário é mais limpa

É com muito desenvolvimento de pesquisa aliada ao campo que o setor pecuário tem atuado para reverter a má fama que os dados dos relatórios de emissões de gases do efeito estufa reforçam. Conforme levantamento do Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG), do Observatório do Clima, mais de 24 milhões de toneladas de gases foram lançadas ao ambiente a partir da fermentação entérica e do manejo de dejetos animais no RS em 2022. Em Alegrete, onde há o maior rebanho bovino gaúcho, foram 1,07 milhão de toneladas, contudo, quase 700 mil toneladas foram retidas com a recuperação de vegetação nativa na localidade.

O crescimento das ações para a captura de carbono até que a produção pecuária torne-se neutra e lucrativa aos produtores é resultado direto das pesquisas desenvolvidas pela Embrapa no bioma Pampa. “O Pampa é naturalmente campestre, uma condição extremamente favorável ao gado. Há uma diversidade enorme de forrageiras nativas que hoje são cultivadas e servem de alimento ao gado, que não é confinado, portanto, requer menos uso de energia e age como recuperador de carbono. Se tivéssemos essa mesma pastagem, sem os ruminantes, não teríamos o mesmo potencial de sequestro de carbono”, assegura o pesquisador da Embrapa Pecuária

Sul, Danilo Sant’Anna.

A instituição tem desenvolvido, por exemplo, a intensificação do manejo de forrageiras nativas e também a inserção de forrageiras exóticas como forma de manutenção da cobertura do solo, com altura de pasto. Chega-se, por exemplo, a ter até 30 espécies por metro quadrado, algo que só é possível no Pampa. Estão em fase de desenvolvimento pesquisas para melhoramento de sementes de forrageiras nativas, mais resilientes, que garantirão ainda maior capacidade de reter gases do efeito estufa, pela altura e característica do pasto. “Quanto mais diverso esse ambiente de campo, melhor para a natureza. O gado criado no Pampa não desmata, valoriza o

solo para outras culturas como o arroz e é o melhor exemplo de conservação sob uso”, afirma.

Para reforçar o trabalho de redução da pegada de carbono do setor, a Embrapa Pecuária Sul lançou na Expointer deste ano o sistema CarbonGado. É um aplicativo disponibilizado aos produtores da região com uma calculadora inovadora para a estimativa e mitigação da emissão de gases do efeito estufa do rebanho bovino de corte em todas as suas etapas. O sistema foi desenvolvido a partir de um algoritmo elaborado em parceria entre a Embrapa e a Universidade Federal do Pampa (Unipampa), que estabelece a conexão entre os indicadores das fazendas e as emissões de gases.

Infraestrutura

Demora na duplicação de rodovias é gargalo para a Região Sul do Estado

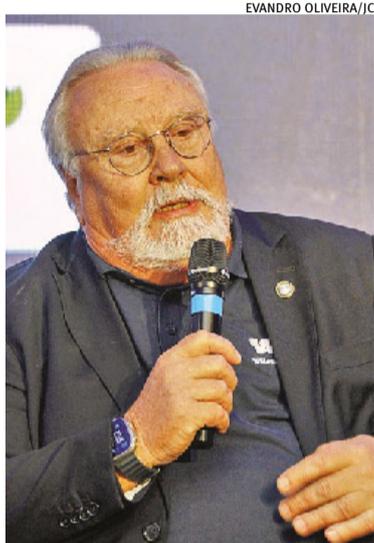
Expectativa é que obras como a ampliação da 116 entre Guaíba e Pelotas avancem com verba do PAC

Havia a perspectiva otimista de que os 48 quilômetros restantes para a finalização da duplicação da BR-116, entre Guaíba e Pelotas pudessem ser finalizados em 2024 – a obra deveria ter terminado 10 anos atrás –, no entanto, os estragos provocados pela tragédia de maio prorrogaram a expectativa do Dnit para 2026.

Até o momento, do total de 211,2 quilômetros, foram finalizados 163,2 quilômetros. O órgão federal estima que 20 destes quilômetros restantes serão finalizados ainda este ano.

Os trechos mais atrasados estão no lote 10, no trecho entre Cristal e Camaquã, onde há necessidade de obras estruturais como a ponte sobre o Rio Camaquã e o viaduto de acesso ao município. Já o lote 8, entre São Lourenço do Sul e Turucu, com apenas 41% da obra executada, está parado, assim como o lote 6, em Cristal, que tem 62% da obra concluída.

Entre Guaíba e Tapes – lotes 1 e 2 –, ficou mais visível a interferência das cheias no cronograma das obras. O trecho era executado pelo Exército, e tinha prazo para finalização em dezembro, mas as obras foram



Presidente do Tecon Rio Grande, Bertinetti critica tarifa de pedágio

paradas para que os militares partissem em socorro após a enchente de maio. Restam 13,8 quilômetros a serem finalizados neste trecho, ainda sem data confirmada para retomada.

Para que se tenha uma ideia da importância destes pouco mais de 200 quilômetros que ligam a Região Metropolitana ao Sul, transitam por essa rota, em média, 3,8 mil caminhões e 2,2 mil carros de passeio diariamente, passando por 12 municípios.

Entre as obras listadas pelo Novo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento, do governo federal), entraram investimentos de R\$ 134,9 milhões para obras restantes e que ainda não haviam sido orçadas na duplicação da BR-116. É parte de um

pacotão que chega, somente entre obras de rodovias, a R\$ 1,4 bilhão nas regiões retratadas nesta edição.

Mas as demandas vão além. No painel do Mapa Econômico do RS realizado em Rio Grande em setembro, lideranças foram unânimes ao apontar o preço elevado do pedágio como um dos desafios da região para avançar em seu desenvolvimento. O encarecimento do acesso ao Porto de Rio Grande, por exemplo, foi destacado pelo diretor-presidente do Terminal de Contêineres (Tecon) Rio Grande, Paulo Bertinetti.

Em março deste ano, foi criada uma comissão de planejamento e fiscalização na Agência Nacional de Trânsito e Transporte (ANTT) para a finalização do contrato de concessão da Ecosul no polo entre as BRs 116 e 392. O contrato vai até março de 2026, com pedágio a R\$ 19,60, o mais caro do Brasil.

Ainda assim, a concessionária apresentou ao Ministério dos Transportes – e a questão segue em análise – a sua contraproposta de renovação da concessão por até 15 anos. Entre as condições apresentadas nesta readequação estaria a redução do valor dos pedágios e novos investimentos em infraestrutura.

Entre as obras oferecidas como condição pela Ecosul está um gargalo que não foi incluído

no Novo PAC e, com a safra positiva da soja, continuou sendo um obstáculo na reta final dos caminhões carregados até o Porto de Rio Grande. É a execução do chamado lote 4 da BR-392, que ficou esquecido na construção duplicada da rodovia há 10 anos.

O trecho de apenas nove quilômetros liga a rodovia ao porto e, originalmente, com obras de arte complexas, especialmente no cruzamento rodoferroviário, tinha orçamento de quase R\$ 1 bilhão. O município e empresários locais, além de deputados federais da bancada gaúcha, já solicitaram ao Dnit a revisão do projeto, para que a obra de duplicação torne-se mais factível, com soluções mais simples aos cruzamentos, por exemplo, e que poderiam derrubar à metade o valor da obra. Até o momento, porém, a situação segue sem solução.

Outros avanços esperados na região, especialmente após as enchentes de maio que fecharam o aeroporto de Porto Alegre, são as melhorias nos aeroportos de Bagé, Pelotas e Uruguiana, concedidos à CCR, e que terão investimentos de R\$ 130 milhões.

À espera da ponte entre São José do Norte e Rio Grande

Uma obra estrutural que deve transformar a realidade da economia da Região Sul é a ponte que ligará São José do Norte a Rio Grande, entre as BRs-101 e 392. A expectativa é de ganhos logísticos. Inclusive no período mais crítico das cheias de maio, esta poderia ter sido a via que garantiria a manutenção da principal rota da produção gaúcha, em direção ao porto, que não parou suas atividades.

O projeto está orçado em R\$ 600 milhões, está em fase de estudos e a expectativa é de lançamento da licitação em 2025. Do ponto de vista portuário, por exemplo, a ponte pode destravar o desenvolvimento de terminais no lado de São José do Norte, onde, inclusive, há

As obras do Novo PAC na Região Sul

- ▶ Ponte sobre o Rio Ibicuí (BR-472, Uruguiana-Itaqui), orçada em R\$ 221,4 milhões
- ▶ Restauração da Ponte Internacional de Uruguiana (BR-290), já executada, com R\$ 6,3 milhões
- ▶ Ponte Rio Grande - São José do Norte (BRs 101-392), orçada em R\$ 600 milhões, pode ter a licitação aberta em 2025
- ▶ Ponte Brasil - Uruguai (BR-116, Jaguarão), uma estrutura de 419 metros e previsão de R\$ 252,5 milhões
- ▶ Finalização BR-116 (Guaíba - Pelotas), orçamento de R\$ 134,9 milhões e prazo até 2026 para terminar
- ▶ Restaurações de rodovias (BRs 290-392), com orçamento de R\$ 240 milhões, para recuperação, restauração e manutenção de 174,5 quilômetros
- ▶ Trem de passageiros (Pelotas - Rio Grande), não há orçamento definido
- ▶ Conclusões de barragens (Dom Pedrito - Bagé - Lavras do Sul - São Gabriel), governos federal e estadual prometem finalizar as obras das barragens nos Arroios Taquarém, Jaguari e Arvorezinha, com investimentos de R\$ 282 milhões
- ▶ Refinaria Riograndense (Rio Grande), investimento de R\$ 45 milhões



Rodovia BR-116 deveria estar duplicada há 10 anos, mas obra depende de empreitada em vários trechos

Agronegócio

Clima extremo desafia produção de vinhos e azeites

Regiões Campanha e Fronteira Oeste se destacam com vinícolas e fabricantes de azeite gaúcho

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Mesmo com longos períodos de estiagem, nos últimos anos as culturas da uva e de azeitonas prosperaram, especialmente entre as regiões da Campanha e Fronteira Oeste. Mas os desafios com extremos de clima, que agora incluíram também vendavais, tempestades e cheias, criaram uma nova necessidade de investimentos para que os dois setores produtivos se adaptem o mais rápido possível.

A perspectiva é de que nos próximos anos, especialmente a

partir de 2026, as culturas agrícolas das regiões da Fronteira Oeste e Campanha tenham aliados importantes na infraestrutura para a irrigação. Entre investimentos estaduais e federais, são previstos mais de R\$ 300 milhões para finalizar os projetos das barragens de Taquarém, entre Dom Pedrito e Lavras do Sul, Jaguari, e Arvorezinha, em Bagé.

A estimativa é de que, somente com Jaguari e Taquarém, seja possível garantir 117 mil hectares irrigados – mais do que o dobro dos atuais 51 mil hectares –, com 238 milhões de metros cúbicos em capacidade de água armazenada. Já o investimento da barragem de Arvorezinha ainda terá a importância de garantir o abastecimento de água à população da região.

É neste cenário que a Miolo

mantém 450 hectares de cultivo de uva em Santana do Livramento, na Vinícola Almadén, e outros 200 na Vinícola Seival, na Campanha, em Candiota. Em ambas as lavouras, o investimento em irrigação já é realidade para garantir o equilíbrio na produção.

“É uma região mais plana, tem um terroir diferente e exige um manejo bem diferente do que temos, por exemplo, na Serra. Temos verificado, especialmente entre a Fronteira e a Campanha, o clima com tendência de muita seca. A cada dez anos, são seis ou sete mais secos, então, o investimento em irrigação é necessário e já operamos”, diz o diretor superintendente da Miolo Wine Group, Adriano Miolo.

Como resultado da produção entre as duas vinícolas, anualmente a Miolo processa 5,3 milhões de litros de vinhos.



GUATAMBU/DIVULGAÇÃO/JC

Cultura da uva na Campanha reduziu em 40% a produtividade em 2024

A produção de vinho e azeite

▶ A produção de azeite no Rio Grande do Sul em 2024 foi de 193,1 mil litros, representando redução de 73% em relação a 2023.

▶ As regiões da Campanha e Fronteira Oeste produziram, entre os cinco municípios com maior volume de produção na região, 7 milhões de litros de vinhos finos e de mesa, além de mosto de uva, em 2023. Neste ano, a produção de uvas teve quebra de 40% na região.

Produtores da Campanha buscam uvas mais resistentes

Em 2024, depois de cinco excelentes safras em oito anos, os produtores de uvas da Campanha experimentaram uma redução que chegou a 40% da produtividade. No entanto, os relatos apontam alta qualidade nos futuros vinhos que resultarão das uvas mais resistentes.

De acordo com o presidente da Associação dos Vinhos da Campanha Gaúcha, Pedro Candelária, o padrão do vinho mantém-se, mesmo que para isso

tenha sido preciso colher menos. A prioridade, ele salienta, está na qualidade do vinho reconhecido desde 2020 com o selo de identificação geográfica da região. A associação reúne 19 vinícolas locais e 267 rótulos reconhecidos.

“Os grandes vinhos são feitos justamente a partir do estresse das plantas, especialmente à falta de chuva. Percebemos que a frequência mais acelerada de eventos extremos, a partir das mudanças climáticas que vieram para ficar, nos obrigam cada vez mais a antecipar movimentos. Precisamos monitorar o nível de estresse das plantas e, para isso, sabermos qual o déficit de água que ela terá é essencial. Exigirá maiores investimentos dos produtores não apenas no manejo, mas em tecnologia para a lavoura”, explica o coordenador do curso de Enologia da Unipampa, Marcos Gabbardo.

Segundo o especialista, que presta acompanhamento técnico aos produtores da Associação Vinhos da Campanha, a irrigação, e principalmente a ciência para a produção serão palavras-chave nos próximos anos para a região. Hoje, há até 1,7 mil hectares de vinhedos plantados na Campanha. E há ainda os campos experimentais da Unipampa, onde são produzidas 90 cultivares

sendo testadas justamente em relação ao clima.

“A Campanha é muito ampla, são mais de quatro milhões de hectares na região, e com mudanças climáticas específicas. Em relação ao vinho, podemos dizer que, com o provável maior aquecimento, teremos nos próximos anos maior teor alcoólico na bebida, mas tudo dependerá da forma como se controlará esses eventos climáticos”, diz Gabbardo.

Ele acompanha a produção vitivinícola na Campanha desde a sua retomada, e não tem dúvida de que o atual ciclo foi o mais desafiador para os produtores locais. Ainda assim, ele aposta em aumento de qualidade na produção futura: “Hoje o vinho brasileiro tem sido muito desafiado pelos argentinos, por exemplo. Aqui na região temos o produto mais parecido com essa qualidade”.

Preocupada com isso, a Salton desenvolveu um estudo próprio, em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mapeando o solo e as vulnerabilidades, com indicações técnicas sobre fertilização e manejo para os seus produtores na Campanha. A região é considerada estratégica na meta da vinícola de chegar a R\$ 1 bilhão de faturamento em 2030 – quase o dobro dos atuais R\$ 567 milhões.

Cenário futuro também é difícil para olivais gaúchos

O cenário futuro também é desafiador para os olivais gaúchos. Depois de registrar a safra recorde de 580,2 mil litros de azeite produzidos no ano passado, com aumento de 29% em relação ao ano anterior, para este ano, a situação é oposta. Com uma combinação de fatores climáticos contrários à cultura, a Secretaria da Agricultura divulgou quebra de 73% em relação ao que era projetado para a produção deste ano, de 67% em relação aos resultados do ano passado. Foram produzidos 193,1 mil litros no Estado este ano, quando a projeção era chegar aos 696,2 mil litros de azeite.

De acordo com o presidente do Instituto Brasileiro de Olivicultura (Ibraoliva), Renato Fernandes, a produção já havia reduzido no verão passado, com a seca. Depois, com o inverno que não teve o frio necessário. Em setembro, com as chuvas, “dizimou a chance de uma nova supersafra”.

“O momento é de aprendizado em uma produção relativamente nova na região. Estamos formando um grupo de trabalho para organizarmos dados e investirmos em

pesquisas, especialmente na busca de variedades de azeitonas mais aptas ao estresse climático gaúcho. A ideia é termos dados como índices de chuva, temperatura e análises de regiões produtoras similares no mundo, para desenvolvermos cultivares resistentes”, explica.

Atualmente, há somente dez variedades de azeitonas sendo cultivadas entre 110 municípios no Rio Grande do Sul, com 6,2 mil hectares produtivos. Áreas nas quais, como salienta o presidente da Ibraoliva, as ações de preservação do ambiente natural são constantes como forma de minimizar efeitos das mudanças climáticas e valorizar o produto gaúcho. Nos últimos dez anos, a estimativa é de que o setor investiu R\$ 1 bilhão no Rio Grande do Sul para a sua expansão.

Maiores áreas de olivais nas regiões

- ▶ Encruzilhada do Sul
- ▶ Pinheiro Machado
- ▶ Canguçu
- ▶ Caçapava do Sul
- ▶ Santana do Livramento

FONTE: SECRETARIA DA AGRICULTURA 2023

Maiores produtores de vinhos finos nas regiões

- ▶ Santana do Livramento (3º no RS)
- ▶ Candiota (6º no RS)
- ▶ Dom Pedrito
- ▶ Bagé
- ▶ Santa Margarida do Sul

FONTE: SECRETARIA DA AGRICULTURA 2023

Maiores produtores de uvas nas regiões

- ▶ Santana do Livramento
- ▶ Encruzilhada do Sul
- ▶ Quaraí
- ▶ Candiota
- ▶ Pinheiro Machado

FONTE: SECRETARIA DA AGRICULTURA 2024

Serviços

Turismo avança com diferentes roteiros pelo Sul

Rio Grande quer aproveitar cruzeiros para atrair visitantes a roteiro histórico e à orla

Pelo menos 500 cruzeiros de turismo passam pela costa gaúcha e, até hoje, somente 13 deles ancoraram no Porto de Rio Grande. O dado faz parte do plano municipal de turismo, finalizado neste ano pelo Sebrae, em parceria com a Unisinos e o IPM.

Tornar a cidade um ponto atrativo para este turista internacional está entre os objetivos da cidade para concretizar a sua Economia Azul, de fato. A estimativa, aponta o governo municipal, é de que, em cada um desses navios, estão entre 3 mil e 5 mil pessoas. O desafio é garantir roteiros atrativos e infraestrutura adequada para aportar essa nova demanda limpa.

O projeto de se tornar uma vitrine para cruzeiros é um dos 14 pontos estratégicos para impulsionar o turismo. Entre as inspirações do projeto estão os portos de Santos e de San Francisco, nos Estados Unidos.

Entre as ideias em desenvolvimento está a valorização

do Centro Histórico e da orla, recheando elas com apresentações artísticas e mostrando a cultura e a tradição locais. Além disso, pontos turísticos da cidade têm projetos para serem potencializados.

Entre as programações estão, por exemplo, o estímulo a passeios náuticos pela lagoa e a promoção de atividades econômicas locais, em lugares como a Ilha dos Marinheiros e a Praia do Cassino. A mudança via turismo inclui, ainda, a garantia de infraestrutura adequada à ancoragem dos navios.

Há tratativas, por exemplo, com empresas como a Costa Sul e a MSC. Esta última, inclusive, já tem uma estrutura em Rio Grande, mas não é voltada ou adaptada ao turismo, nicho que a cidade quer aproveitar. Desde o boom do polo naval, a rede hoteleira foi bem estruturada. No ano passado, por exemplo, a rede Laghetto arrendou um novo hotel na cidade.

No cenário ideal da administração local, está, desde um impulso à recuperação do setor pesqueiro até a consolidação de Rio Grande como ponto de abastecimento dos grandes navios

As regiões turísticas

► **Costa Doce:** a arquitetura e as praias às margens da Lagoa dos Patos são os principais atrativos.

► **Fronteira e Pampa Gaúcho:** reúne o turismo rural com a melhor carne do Brasil, acrescido do enoturismo e do olivoturismo. Há, ainda, o turismo de compras, com o Trem do Pampa como uma nova atração.

► **Terra do Doce:** a região de Pelotas é reconhecida pelo Iphan como "terra do doce", pela tradição dos seus doces que carregam a herança cultural da região, e há, ainda, a Rota das Charqueadas e o crescimento do turismo de eventos.

► **Rota dos Cruzeiros:** Rio Grande quer potencializar o turismo na cidade e na região a partir das rotas de paradas dos cruzeiros.

de cruzeiro com o biocombustível produzido na Refinaria Rio-grandense, até a demanda para a retomada do polo naval, em reparos e construções de embarcações.

Enoturismo e olivoturismo na Campanha Gaúcha

Na Campanha, a ideia de explorar o turismo como aliado da produção de vinhos já nasceu com as propriedades. "Desde o início, pensamos que, além do vinho, queríamos potencializar o turismo. Hoje, o enoturismo responde por 25% do faturamento da Vinícola Guatambu. A harmonia com os elementos da natureza, a cultura campeira e a harmonização entre o vinho produzido na Campanha e a carne, também aqui, são diferenciais", explica a proprietária da Guatambu, Gabriela Pötter.

Uma vez por mês, a vinícola de Dom Pedrito promove o "dia épico", com até 110 pessoas que fazem um tour detalhado pela produção do vinho, com muita música e comida campeiras. Saem da Guatambu 24 rótulos de vinhos, que são produzidos e industrializados na propriedade inaugurada em 2013 – já eram produzidos

vinhos antes da inauguração.

Hoje administrada por três mulheres, a fazenda pertence à família há 65 anos, desde o avô de Gabriela. Tinha a pecuária como principal atividade e ainda hoje mantém a produção integrada entre uvas, soja, arroz, milho e a pecuária. Há quatro anos, foram adotadas ações de agricultura regenerativa, com o cultivo aliado à recuperação do ambiente natural do Pampa. Em dois hectares, foi iniciado o cultivo do vinhedo orgânico.

O turismo nesta região do Estado também engloba a produção de azeites. Hoje, ficam entre a Campanha e a Fronteira Oeste 80% da produção dos olivais gaúchos. Mas, das 80 marcas de azeites do RS, apenas dez têm o olivoturismo ativo em suas propriedades.

Conforme o presidente da Ibraoliva, Ricardo Fernandes, em todo o RS, estima-se que 500 mil pessoas ao ano são

atraídas pelo turismo do azeite. Na Vila Segredo, propriedade de Fernandes em Caçapava do Sul, a lotação das hospedagens quase dobrou desde 2023, e ele pensa em ampliar.

Em Candiota, o modelo do turismo associado à olivicultura tende a dar um salto a partir de 2025. É para quando está prevista a inauguração do Terroir 31, empreendimento que recebeu R\$ 50 milhões em investimentos do empresário Luiz Eduardo Batalha, que produz o Azeite Batalha. Junto ao lagar, já estão na fase de obras um hotel com 40 cabanas.

Também em Candiota, a família Buchabqui, que já produz azeite em Pinheiro Machado, investe R\$ 20 milhões para erguer uma fábrica de azeites e, em uma segunda etapa, um restaurante e uma pousada. Na cidade, também está a Bueno Wines, de propriedade de Galvão Bueno.



TÂNIA MEINERZ/JC

Trajeto de 20 quilômetros une compras na Fronteira e o enoturismo

Trem do Pampa é a nova atração na Fronteira Oeste

E se a integração turística internacional é uma oportunidade que se abre a partir do litoral, na Fronteira Oeste, é um potencial em plena fase de multiplicação. Em Santana do Livramento, são calculados 3 mil leitos de hotelaria. Somado a Rivera, no lado uruguaio, o número chega a 4,1 mil leitos. E há, segundo a prefeitura do município da Fronteira, pelo menos dois projetos para novos hotéis e uma parceria do poder público municipal com Portugal, justamente para potencializar investimentos na área hoteleira.

É que, além do conhecido turismo voltado às compras na fronteira, ou à demanda das instalações eólicas, agora o chamado Trem do Pampa, inaugurado em julho, traz para a região o know-how do enoturismo já experimentado na Serra, sobre trilhos, como ocorre no Vale dos Vinhedos.

O trajeto de 20 quilômetros entre Livramento e o distrito de Palomas, dura três horas - 1h10min sobre trilhos, com o retorno ao ponto de partida em ônibus, contando com visita à vinícola -, recheado com muita música, dança e degustação de vinhos produzidos na região. O sucesso do projeto foi logo percebido, com todas as viagens, que têm capacidade para 100 pessoas, lotadas no primeiro mês.

A iniciativa foi da empresa Giordani Turismo, empresa de Bento Gonçalves, que também opera a Maria Fumaça, no Vale dos Vinhedos. No Trem do Pampa, o passeio é feito a bordo de um veículo leve sobre trilhos (VLT), desenvolvido pela Marcopolo, também da Serra. "Vimos que era bastante possível reproduzir, em Livramento, o

que fazemos na Serra Gaúcha, com a conexão do trem e do vinho", diz a diretora da Giordani Turismo, Andréia Zucchi.

Uma ideia que, a partir de conversas iniciadas em 2011, uniu o desejo de lideranças locais para reativar os trilhos e potencializar o turismo local. Entre as empresas que custeiam o Trem do Pampa está a Miolo, que tem na Vinícola Almadén, em Santana do Livramento, a sua maior produção de vinhos destinados à exportação. Para os turistas que embarcam no Trem do Pampa, a visita à Almadén é uma das principais atrações.

"Tínhamos a experiência do Vale dos Vinhedos, em um projeto que funciona já há 20 anos, muito bem-sucedido, como uma oportunidade para o consumidor conhecer melhor o nosso produto e entender mais sobre a produção no Rio Grande do Sul. Aos poucos, temos levado também para a Almadén e a Seival as nossas experiências de convívio dentro do vinhedo, o wine garden, aberto o ano todo ao público", explica o diretor presidente da Miolo Wine Group, Adriano Miolo.

Segundo Miolo, há pelo menos dez anos a vinícola já projetava unir o turismo de compras da fronteira com o enoturismo. Especialmente com as vendas de vinhos. A partir do Trem do Pampa, foi possível concretizar, por exemplo, a abertura de um free shop dentro da vinícola, onde é possível comprar os vinhos da Miolo a um custo 35% mais barato do que no Vale dos Vinhedos, por exemplo. A linha de vinhos Reserva, produzida pela Almadén, é a mais exportada pela Miolo.

Inovação

Pelotas quer ser exemplo de cidade resiliente

Principal município da Região Sul aprovou Plano de Resiliência para superar adversidades

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Em novembro passado, Pelotas aprovou o seu Plano de Resiliência, que organizou toda a rede de monitoramento e de ações preventivas ou de socorro em casos extremos. A colocação em prática dos conceitos aconteceu em maio e os números mostram que a resiliência de Pelotas foi exemplar.

“O conceito de cidade resiliente já estava sendo trabalhado por nós. Então, diante do volume de água que chegava, acionamos uma série de ações preventivas, projetando que até 100 mil pessoas poderiam ser atingidas. Decidimos pecar pelo excesso e, ao final, foram cinco mil. É preciso mudar hábitos, ter a cidade mais sustentável, em conjunto com o desenvolvimento urbano e

imobiliário e investimentos em prevenção”, avalia a prefeita Paula Mascarenhas.

No Plano de Resiliência, foram estabelecidos dez protocolos que preveem planos emergenciais para os mais diversos riscos à cidade. No caso de cheias, já era prevista a organização da sala de controle e de ações rápidas por parte dos órgãos municipais para identificar pessoas em áreas vulneráveis e a organizar abrigos. Contra secas e estiagens, por exemplo, Pelotas planeja construir poços, açudes e barragens.

O município, que tem o segundo maior PIB entre as regiões retratadas neste recorte do Mapa Econômico do RS, experimentou uma alta de 13,5% entre 2020 e 2021, um diferencial na atração de investimentos. Entre 2021 e 2023, acumulou R\$ 2 bilhões em lançamentos imobiliários. É um termômetro de uma das economias mais aquecidas entre as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste.

“É uma cidade que está em

A economia de Pelotas

▶ Entre 2020 e 2021, Pelotas registrou aumento de 13,5% no PIB.

▶ Comércio e serviços respondem por 21,6% da arrecadação municipal.

▶ Com 130 empresas, Pelotas tem a maior concentração de beneficiadoras de arroz da América Latina.

▶ Josapar, Arrozeira Pelotas, Lifemed e Treichel estão entre as maiores empresas de Pelotas.

pleno aquecimento econômico. Em média, a cada ano temos até três prédios comerciais de diversos estilos sendo lançados, e eles não se concentram mais só no Centro. Há áreas de expansão, como o Quartier, que é um bairro planejado”, explica o presidente do Sinduscon Pelotas, Pedro Amaral.

Agora, para construir em Pelotas, a área de permeabilidade no terreno em relação à obra precisa ser maior e todo novo empreendimento precisa reter pelo menos 60% da água da chuva. Há, ainda, maior limitação a cortes de árvores: até 30% da vegetação precisa ser preservada no terreno.

O maior volume dos lançamentos imobiliários foi verificado em 2023, com 40% a mais do que em 2022, principalmente em habitações de alto e médio padrão. A partir deste ano, a perspectiva é aquecer ainda mais o setor, mas desta vez, com os anúncios das novas políticas federais para habitação social.

um dos principais potenciais de atração de investimentos é o Porto de Pelotas, que tem as operações da CMPC como atividade estratégica. As instalações, inclusive, foram incluídas no pacote de aportes da multinacional, assim como as de Rio Grande. A perspectiva, aponta a prefeita, é atrair ainda mais investimentos do setor florestal, especialmente com a abertura da Hidrovia do Mercosul.

Investimento para consolidar polo biotecnológico no Sul

LIFEMED PELOTAS/DIVULGAÇÃO/JC



Licitação para obras do hub de biotecnologia será em novembro

Entre as consequências das mudanças climáticas aceleradas está o desafio à saúde humana e de animais, imposto tanto por novas doenças quanto pela velocidade com que se espalham. Estar na vanguarda da resposta a este novo fenômeno é uma oportunidade que ganha forma em Pelotas, e se irradia na região. A expectativa é pelo lançamento, em novembro, da licitação para o início das obras do que será um hub de biotecnologia, vinculado ao Pelotas Parque Tecnológico, em uma área doada pela empresa Lifemed. O projeto abarca investimentos de R\$ 14 milhões, com recursos da empresa e da Finep.

“A biotecnologia é uma das oportunidades que o Brasil tem para ser uma potência competitiva internacionalmente, depois de termos perdido o trem da história em relação aos chips, por exemplo. Temos, na região, universidades altamente reconhecidas e ainda a força da Embrapa na pesquisa. A demanda, tanto para humanos quanto veterinária, será crescente, e temos capacidade para produzir e desenvolver soluções, mas precisa de investimentos do poder público, como este que está sendo feito em Pelotas, para, de fato, nos tornarmos líderes em biotecnologia. Para se ter uma ideia, hoje o Brasil ainda importa princípios ativos para a maior parte das vacinas”, diz o gerente de Pesquisa e Desenvolvimento da Lifemed, Leonardo Reichow.

Mesmo que as obras para o futuro hub ainda não tenham começado, Reichow, que também preside o Arranjo Produtivo Local (APL) da Saúde, garante que o projeto avança com os recursos já garantidos pela Finep. O primeiro laboratório já está em fase de estruturação, com a compra de equipamentos no exterior, assim como

peças já estão contratadas.

“Nosso foco, com um espaço ao lado da indústria, é atender a startups em fase de validação dos seus produtos, com espaço para provas de conceito e experimentação. A Lifemed será âncora neste hub”, explica Reichow. Já no primeiro momento, a expectativa é instalar 30 empresas no local, garantindo a totalidade da ocupação.

Na avaliação do representante do setor, Pelotas, assim como Rio Grande, demonstraram durante os eventos de maio serem territórios seguros para investimentos que desenvolvam e estruturam a saúde. E isso inclui novas unidades para o atendimento qualificado ao público.

Ainda em Pelotas, há a perspectiva de R\$ 262,2 milhões em investimentos federais para erguer, até 2027, o Hospital Escola da UFPel. Em Rio Grande, o cluster de saúde foi reforçado com a abertura do Hospital Monporto, que recebeu R\$ 150 milhões em investimentos privados. O projeto estimulou outros na cidade, como a ampliação do setor de imagens no Hospital da Unimed, com R\$ 30 milhões.

“Ao longo de muito tempo, a cidade empobreceu, mas sempre foi um polo educacional. O problema é que a juventude ia embora depois de se formar. O que temos feito, em sinergia com Rio Grande, é proporcionar um ambiente de inovação para reter mais jovens”, diz a prefeita de Pelotas, Paula Mascarenhas.

Além do Polo Tecnológico de Pelotas e do OceanTec, de Rio Grande, a região conta com duas universidades em Pelotas - UCPel e UFPel -, uma em Rio Grande - Furg -, uma regional, com diversos núcleos, a Unipampa, e outros centros educacionais, como a Anhangüera.



Município trabalha em um projeto de revitalização do Centro pelotense

A tradição comercial do maior município da Região Sul

A construção civil reflete a diversificação econômica local. Enquanto Pelotas atrai R\$ 30 milhões em investimentos para a expansão do Shopping Pelotas, com previsão de conclusão das obras em 2025, além da corrida dos atacarejos, o governo municipal trabalha em um projeto de revitalização do Centro.

O setor de comércio e serviços respondeu, em 2023, por 21,6% da arrecadação. Pelotas

acumula R\$ 7,8 bilhões em VAB no setor de Serviços, o maior entre as regiões deste recorte do Estado. “O comércio sustenta muito a cidade, e nós mantemos uma característica própria, com o comércio local e central. Nos próximos anos, projetamos a criação de um centro administrativo no Centro, como parte da revitalização”, aponta Paula Mascarenhas.

Em outro ponto da cidade,

Painel

Evento do Mapa Econômico em Rio Grande reuniu lideranças para debate

Cerca de 150 lideranças regionais participaram do painel do Mapa Econômico do RS na Câmara de Comércio de Rio Grande. O evento debateu desafios para a retomada e oportunidades de desenvolvimento para as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste.



TÂNIA MEINERZ/JC

Paulo Bertinetti, diretor-presidente do Tecon Rio Grande; Rafael Avancini, presidente do Hospital Monporto; e Artur Gibbon, diretor do OceanTec da Furg, foram os painelistas



TÂNIA MEINERZ/JC

Lideranças lotaram o salão da Câmara de Comércio de Rio Grande para o Mapa Econômico do RS



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Diretor-presidente do JC, Giovanni Jarros Tumelero



TÂNIA MEINERZ/JC

Fábio Branco, prefeito de Rio Grande



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Daniel Andriotti, Relações Institucionais da CMPC



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Queli Schenkel, diretora de unidade, Sest / Senat



TÂNIA MEINERZ/JC

Alexandre Pacheco, chefe do Escritório do BRDE na Região Sul



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Natália Pereira, diretora de Empreendedorismo da CDL Rio Grande



EVANDRO OLIVEIRA/JC

José Guarenti, inspetor-chefe do Crea-RS em Rio Grande



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Diretor de Relações Institucionais da Porto RS, Sandro Boka



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Vice-Presidente de Infraestrutura da Federasul, Antônio Carlos Bacchieri Duarte



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Renato Albuquerque, diretor do Grupo Oceano



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Mauro Barcelos Dias, consultor administrativo da Lavras do Sul Mineração



TÂNIA MEINERZ/JC

André Ianzer, diretor administrativo do Supermercado Guanabara



Jornal do Comércio 91 ANOS
O jornal de economia e negócios do RS

Projeto:
MAPA ECONÔMICO DO RS 2024

PARTICIPE DO MAPA ECONÔMICO DO RS

Além de fornecer indicadores econômicos cruciais para decisões estratégicas, a nova temporada do Mapa Econômico do RS explora **"iniciativas para impulsionar a recuperação econômica e soluções para uma economia em constante transformação"**.



1. Regiões Norte, Noroeste, Missões e Alto Jacuí

Evento já realizado em Erechim no dia 18/07
Caderno publicado: 29/07



2. Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí

Evento já realizado em Bento Gonçalves no dia 15/08
Caderno publicado: 22/08



3. Regiões Sul, Centro Sul, Campanha e Fronteira Oeste

Evento já realizado em Rio Grande no dia 17/09
Caderno publicado: 25/09



4. Regiões Central, Cales e Jacuí Centro

Evento em Santa Maria: 17/10
Caderno: 23/10



Inscreva-se
gratuitamente
pelo QR Code



5. Regiões Metropolitana, Litoral e Vale do Sinos

Evento em Porto Alegre: 19/11
Caderno: 25/11

